

EDIÇÃO ESPECIAL COMEMORATIVA DO 50º ANIVERSÁRIO DE BRASÍLIA

# roteiro

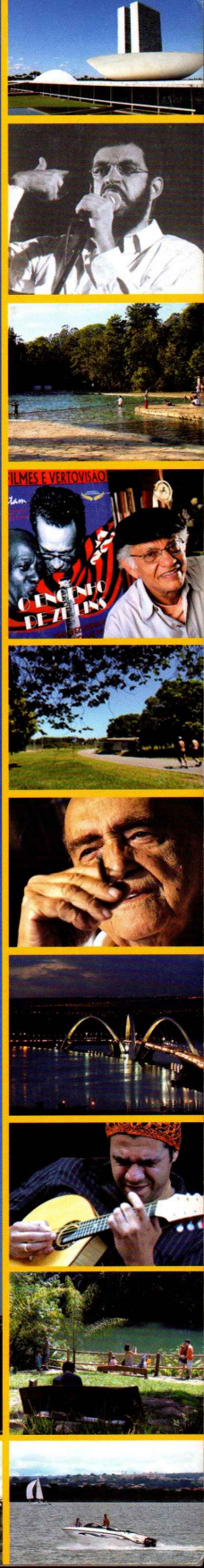
www.roteirobrasilia.com.br

C O M I D A, D I V E R S Ã O E A R T E

Ano IX • nº 179  
21 de abril de 2010  
R\$ 5,90

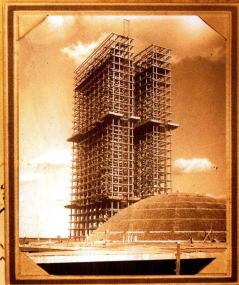
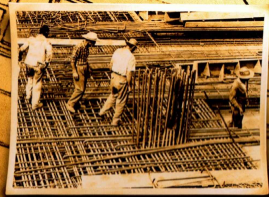
## Eles são a cara de Brasília

50 ÍCONES BRASILIENSES ELEITOS PELA EQUIPE DA ROTEIRO





Um homem **sonhou**. Um arquiteto  
e um urbanista **planejaram**. E milhares de  
candangos **tornaram** esse sonho **realidade**.



Arquiteto: Oscar Niemeyer. Construtor: Acervo Arquivo Público do Distrito Federal.

Parabéns, capital do Brasil.  
Uma homenagem do banco  
que também é do Brasil.

**É do Brasil. É todo seu.**

Roberto, filho da funcionária BB  
Lenícia L. P. Kornelius - DF



**TodoSEU**

**Brasília**  
**É DO BRASIL**





## Nós brasileiros estamos vivendo um novo Brasil.

O Governo Federal investe em programas sociais e obras de infraestrutura que geram mais oportunidades, fortalecem a economia e melhoram a vida no Distrito Federal.

- A **Escola Técnica** de Planaltina prepara jovens para o mercado de trabalho. Até o final do ano, mais 4 serão inauguradas.
- **Bolsa Família**: alimentação, frequência escolar e acompanhamento da saúde de mais de 71 mil famílias.
- **Educação Superior**: acesso ampliado com 3 novos *campi* da UnB.
- **SAMU**: atendimento de urgência para mais de 2,6 milhões de brasileiros.
- **Farmácia Popular**: medicamentos com até 90% de desconto.
- Com a duplicação da **BR-060**, ir de Brasília a Goiânia ficou mais rápido e seguro. E o trânsito vai melhorar com as obras da **BR-020**, que liga Planaltina a Sobradinho.



Escola Técnica - Planaltina



Vila Estrutural



Farmácia Popular - Sobradinho

Estamos vivendo  
um novo Brasil.  
Feito por você.  
Respeitado pelo mundo.





# Viva La Vida



## A natureza por tradição.

Os azeites La Rambla são produzidos sob os rigorosos parâmetros que há séculos orientam os mestres azeiteiros da Espanha. Processos que resultam em azeites de alta qualidade, azeites com perfeito equilíbrio entre sabor, aroma e textura. Azeites que levam saúde à sua vida.



# Viva La Rambla



**ARBEQUINA**  
Uma azeitona que oferece um monovarietal de sabor suave e aroma intenso. Um Extra Virgem marcado pelo equilíbrio entre sabor e aroma.

**CORNICABRA**  
Um azeite originário da região de Toledo. Um Extra Virgem monovarietal frutado, levemente amargo, com excelentes notas de folhas verdes.

**SPECIAL COUPAGE**  
Um Extra Virgem de categoria superior, com sabor e aroma equilibrados. O melhor custo benefício entre os azeites oferecidos no mercado.

**ORGÂNICO**  
Obtido de azeitonas arbequinas orgânicas, procedentes da região de Tarragona. Um Extra Virgem saboroso e aromático.

**PICUAL**  
Um Extra Virgem com tons levemente picantes e personalidade marcante.

[www.azitelarambla.com.br](http://www.azitelarambla.com.br)



Importado por WG Comercial - (61) 3552-3534



Que fazer para homenagear, no seu cinquentenário, esta cidade que tão bem nos acolheu, onde criamos nossos filhos, onde desfrutamos da melhor qualidade de vida do país? Até a abertura da Caixa de Pandora, em novembro do ano passado, a expectativa era de uma comemoração em altíssimo astral, com Paul McCartney, U2, Madonna, Roberto Carlos e muitas outras atrações nacionais e internacionais. Depois... bem, depois, com o desenrolar dos lamentáveis acontecimentos, o que se viu foi o desânimo se instalar por toda parte. Então, como super-herói?

Nossa resposta ao baixo astral é esta edição especial da Roteiro, resultado de dois meses de dedicação de uma talentosa equipe de repórteres e fotógrafos. Ela foi preparada com muito carinho, desde a definição de sua proposta editorial, em meados de fevereiro, até a edição da 50ª e derradeira matéria, na manhã do dia 15. Esperamos que o amigo leitor a aprecie.

Para chegar a este ponto, muitos foram os desafios. A começar pela definição dos critérios de escolha dos 50 mais expressivos ícones brasileiros – pessoas, monumentos, espaços culturais, centros de compras, áreas de lazer, restaurantes e bares que tivessem verdadeiramente a cara de Brasília. Para facilitar, achamos por bem dividi-los em dez “categorias”. Feito isso, elaboramos uma lista preliminar, em *petit comité*, e a submetemos a todos os jornalistas da equipe da Roteiro, pedindo que fizessem suas sugestões ou que simplesmente validassem as escolhas iniciais.

As respostas vieram de maneira tão imediata e abundante que percebemos logo qual seria a principal dificuldade para executar a pauta proposta: selecionar “apenas” 50 nomes. O processo de escolha foi realmente um saudável exercício de democracia, que contou com a participação de toda a equipe ao longo de duas semanas.

Comecemos pela opinião de nossos colunistas de gastronomia. Luiz Recena, por exemplo, aplaudiu a escolha de Carlos Elias, lembrando sua performance no saudosos Casarão do Samba, mas lamentou o esquecimento de Pernambuco do Pandeiro e de uma de suas grandes mulatas, Neide de Paula. Sugeri também que o Conic e o bar do Hotel Nacional fiquem na lista. Fiel à temática de sua coluna, Quentin Geenen de Saint Maur sugeriu a inclusão da categoria “novas tendências”, para contemplar empreendimentos gastronômicos que de alguma forma contribuam – ou sequer contribuam – para a inovação e a contemporaneidade. Alexandre dos Santos Franco disse

também ter sentido falta de estabelecimentos mais “jovens”, como o restaurante Oliver, do Clube de Golfe, as pizzarias Baco e Pizza à Bessa e o Brasília Alvorada Hotel.

Ana Cristina Vilela advogou em defesa da Casa de Fariinha, do Esquadrão da Vida, criado pelo saudoso Ary Pararaio, e de Hamilton de Holanda. Para Alexandre Marino, não poderiam ficar de fora o Ivan da Presença, Reynaldo Jardim, Renato Matos, Reco do Bandolim, Odete Ernest Dias e família, Haroldinho Matos, Hamilton de Holanda (novamente), bar Bom Demais, Parque Olhos d'Água, Grande Circular e revista Brica-Brac. Lúcia Leão deu mais um voto em favor de Hamilton, mas manifestou-se contra a inclusão de movimentos culturais que ficaram no passado.

O jovem Guilherme Guedes opinou que a presença de Hamilton de Holanda seria realmente essencial, assim como a Concha Acústica, apesar de toda a decadência dos últimos anos. A lista particular de Heitor Meneses trazia o Cateetinho, o presidente JK, o Plano Piloto (nele incluído o Lago Paranoá), o maestro Jorge Antunes e o Jardim Botânico.

Akemi Nitahara estranhou a ausência de outro maestro, Silvio Barbato, morto no terrível acidente do ano passado com o Airbus da Air France, e também de Renato Matos, de Manoel Brigadeiro, da Feira do Guarã, do Pontão do Lago Sul, do Concerto Cabeças, da Poesia e Mimeógrafo e do Movimento Calango. E assim os nomes surgiam aos borbotões, sugeridos também por Sérgio Moriconi, Vicente Sâ, Beth Almeida...

Computadas as sugestões de todos, chegamos aos nomes relacionados na página ao lado. Alguns dos “esquecidos” na primeira lista foram incluídos na definitiva – infelizmente, sempre substituindo outros, já que, pela mais óbvia razão, tínhamos nos fixado no número 50. Mas muitos que ficaram de fora são citados nas matérias, pelo papel fundamental que desempenharam na vida da cidade, ao longo desse meio século. Sintamos desdém, então, homenageados por nossa equipe.

O último desafio: o que dizer sobre cada um desses “personagens” se, por sua inquestionável importância, praticamente tudo já havia sido dito? Nosso entendimento foi de que os textos, todos muito concisos, deveriam refletir uma visão bem pessoal de cada autor a respeito de seu “personagem”. O resultado está nas 68 páginas desta edição.

Maria Teresa Fernandes e  
Adriano Lopes de Oliveira

## 10 Os fundadores

Juscelino Kubitschek  
Oscar Niemeyer  
Lucio Costa  
Israel Pinheiro  
Athos Bulcão



## 16 Os monumentos

Praça dos Três Poderes  
Palácio da Alvorada  
Catedral  
Palácio do Itamaraty  
Ponte JK

## 22 Os restaurantes

Piantella  
Roma  
Dom Francisco  
La Chaumière  
Fritz



## 28 Os bares

Beirute  
Baixo Jorjão  
Carpe Diem  
Bar do Amigão  
Libanus

## 34 Os mestres

Claudio Santoro  
Jorge Antunes  
Vladimir Carvalho  
Neusa França  
Hugo Rodas



## 40 Os músicos

Renato Russo  
Liga Tripa  
Hamilton de Holanda  
Carlos Elias  
Renato Matos



## 46 Os espaços culturais

Teatro Nacional  
CCBB  
Caixa Cultural  
Espaço Renato Russo  
Casa Thomas Jefferson



## 51 Os palcos musicais

Concha Acústica  
Clube do Choro  
Gate's Pub  
Feitico Mineiro  
Bar do Calaf



## 56 Os centros de compras

Conjunto Nacional  
Feira da Torre  
Feira dos Importados  
Feira do Guarã  
Gilberto Salomão

## 61 As áreas de lazer

Lago Paranoá  
Parque da Cidade  
Parque Olhos d'Água  
Água Mineral  
Eixão do Lazer





# Juscelino Kubitschek

POR ANA CRISTINA VILELA

Quando vi aquele brilho nos olhos de meu pai diante dos objetos e da história de Juscelino Kubitschek no Memorial JK, em sua primeira visita a Brasília, compreendi melhor o mineiro que, um dia, decidiu construir o inefável. Os olhos do bom e velho José Edgar diziam de seu orgulho e de sua admiração pelo homem que tirou do sonho e das visões a construção de uma cidade em meio ao nada, transformando-a em realidade e abrindo as portas do nosso grande interior para o progresso. No Cateirinho, meu pai observou atento cada cômodo, cada detalhe, e eu lhe perguntei: E então, pai, o que o senhor acha de JK? E ele, com seu jeito também mineiríssimo, quieto, de poucas palavras, respondeu: "E... ele foi bom, né?"

Todo mundo já sabe de toda a história de Juscelino, da premonição de Dom Bosco e tudo o mais. Qualquer coisa que se diga é repetição. Talvez para nós, brasilienses, sua história e trajetória já sejam corriqueiras, mas jamais comuns. A promessa de construir Brasília foi feita por JK no dia 4 de abril de 1955, em um comício em Jataí, Goiás. Ao final do comício, o então candidato à Presidência disse ao povo que gostaria de ouvir suas perguntas. Foi quando o estudante de tabelião Antônio Soares Neto, o "Toniquinho", lhe perguntou se iria cumprir a Constituição, inclusive o artigo referente à nova capital, e a resposta foi sim.

Em 1956, o Congresso Nacional aprovava, em 19 de setembro, a lei que determinava a mudança e criava a Companhia Urbanizadora da Nova Capital (Novacap). As obras começaram em fevereiro de 1957, quando mais de 200 máquinas e

30 mil operários chegaram ao Planalto Central. O trabalho foi ininterrupto. Dia e noite. Fosse operário, engenheiro ou presidente da República. Tudo para que Brasília ficasse pronta na data prevista: 21 de abril de 1960. E as obras foram concluídas em 41 meses, antes do prazo previsto.

Como não encher os olhos de admiração diante de tamanha ousadia e coragem? Podemos até ter críticas quanto ao projeto da cidade, quanto à falta do metrô, que deveria ter sido feito concomitantemente, quanto à falta de previsão em relação à população que circularia por aqui tantos anos depois e, pior, em relação ao número de carros... mas impossível desmerecer a obra de Juscelino.

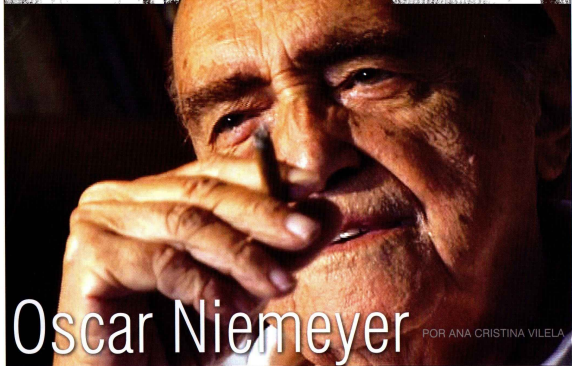
É não foi somente a construção em si da cidade, mas tudo o que essa atitude trouxe para o Brasil. A era JK, durante os chamados "anos dourados", marcaram a nação e trouxeram otimismo. A economia brasileira foi industrializada, os eletrodomésticos começaram a se popularizar, os meios de comunicação estavam a todo o vapor, assim como o teatro e o cinema, o rádio e até a TV. E, claro, a música popular brasileira, já sucesso no exterior com a Bossa Nova. Para completar, a vitória na Copa do Mundo de 1958, na Suécia.

Um contexto da história brasileira. Talvez um prelúdio para o que viria depois. Inflação alta, ainda em 1960, ditadura, com o golpe militar de 1964. Anos de chumbo. JK deixou o governo em 1960 e foi eleito senador por Goiás em 1962. Desejava concorrer à Presidência em 1965, mas veio o golpe. Acusado de corrupção e de ser apoiado pelos comunistas, teve os direitos políticos cassados em 1964, perdendo o mandato de senador.

Foto: Publico/Contrasto/Alamy/Contrasto



A partir daí, passou a percorrer cidades dos Estados Unidos e da Europa, em exílio voluntário, e só voltou definitivamente para o Brasil em 1967. Faleceu em 1976, vítima de um desastre automobilístico, em circunstâncias até hoje obscuras. Mas deixou sua marca, seu nome e, principalmente, uma cidade construída em tempo recorde. E se hoje estamos aqui, em meio ao cerrado, no coração do Brasil, e se esta região cresce e progride, é, sim, graças a JK.



## Oscar Niemeyer

POR ANA CRISTINA VILELA

Deia desses, um amigo se deparou com uma foto da construção da Catedral na parede de um supermercado da cidade. As primeiras reações que teve ao observar aquela estrutura de concreto que suspenso, ainda sem os vitrais, como dedos unidos em oração, foram a da estranheza e a do fascínio. Como alguém pôde pensar em algo tão... surreal? Ficou, então, observando a foto durante alguns instantes: homens, máquinas e as 16 colunas em formato hiperbolóide (1), pilares de seção parabólica, e pensou: ele é genial. Realmente, Oscar Niemeyer é um escultor genial. Escultor, sim, porque o Teatro Nacional, a Catedral, o Congresso, o Palácio do Planalto... são verdadeiramente esculturas.

Já observou a Esplanada dos Ministérios em noite de lua cheia? Nada mais onírico, mais artístico. Como se Brasília fosse uma grande galeria de arte. Provavelmente Niemeyer, em seus mais de 102 anos de vida, com toda a experiência que carrega, renegaria o título de escultor, porque uma escultura não é para se viver ou para se trabalhar e há muito se discute a respeito da utilidade e da praticidade de suas obras.

Assim, deixemos de lado essa

questão polêmica e pensemos somente na graça de todos os contornos femininos e montanhosos espalhados pela cidade. Imagine Brasília sem essas curvas, sem essa sensualidade em concreto armado. Perderia muito de seu charme, de seu encanto, de sua feminilidade.

Um outro amigo é fascinado pelo Teatro Nacional, com sua fachada composta por 3.608 vidros e seus cubos brancos, de dimensões diversas, desenhados por Athos Bulcão. Quem pensaria em tamanha insanidade? Ainda bem que alguém pensou e fez. E fez também os prédios do Congresso Nacional, e muito mais.

Pois é, certo dia você recebe a incumbência de trabalhar na construção da capital do país e o convite vem de ninguém menos do que o presidente da República. Pouco tempo depois, surge os primeiros traços, as primeiras linhas de uma utopia que, enfim, começará a sair dos sonhos, da imaginação e do papel. Verdade: Brasília continua utópica, em construção, começa a ficar caótica. Mas temos as ideias do arquiteto-escultor para encher os olhos, graças a Juscelino Kubitschek.

Os dois se conheceram em 1940, quando o então prefeito de Belo

Horizonte encomendou a Niemeyer o conjunto arquitetônico da Pampulha, finalizado em 1943. A forma da igreja da Pampulha, por exemplo, gerou muita polêmica, apresentando a marca diferenciada de Niemeyer, da plasticidade das construções por ele projetadas.

O convite para desenhar os prédios de Brasília veio poucos anos depois. Em seguida, em 1957, foi aberto o concurso em que o projeto de Lucio Costa para o Plano Piloto foi vencedor. A partir daí, surgiu a Brasília que temos hoje, com as ideias de Niemeyer impregnadas, entranhadas em todo o espírito da cidade.

A luta política também marcou a trajetória do arquiteto, que defendeu sempre a ideologia comunista. Durante a ditadura militar, infelizmente, foi mais um a se distanciar de Brasília e também do Brasil. Mas a história foi, aos poucos, retomando seu curso. Niemeyer voltou a fazer projetos para a capital, concluiu o Conjunto Cultural da República e projetou a Torre de TV Digital, com obras em andamento, dando continuidade à construção desta enorme galeria de arte a céu aberto, com toda sua beleza e deficiências. Pena que o cuidado dedicado às obras não é, nem de longe, o que elas merecem.



# Lucio Costa

POR LÚCIA LEÃO

Numa manhã do verão de 1981, Lucio Costa surpreendeu duas jovens brasileiras apaixonadas pela cidade com uma exclamação interrogativa: "Então vocês gostam de Brasília? Quer dizer que a cidade deu certo?". Ele estava em seu apartamento, na orla do Leblon, e não havia voltado à capital desde o golpe militar de 1964. Cheio de curiosidade, o arquiteto-inventor, que deveria ser o entrevistado, sobre tudo perguntava. Criador reconhecendo a criação, impressionavam-lhe especialmente os relatos das crianças divertindo-se sem cerimônia entre os gramados e pilotis das superquadras e dos jovens artistas inventando palcos ao ar livre.

"Então vocês são felizes?", concluiu o arquiteto, aliviado. Em seguida, revelou (sei dos detalhes porque uma das entrevistadas entrevistadas era eu!) que o que mais o entristecia, já naquela época, era ver Brasília difamada pela pecha de cidade autocrática, quando ele a concebera essencialmente humanista, como a mais pura tradução da democracia.

Lucio Costa nasceu em Toulon, França, em 1902, com a missão de revolucionar. Filho de brasileiros em

serviço no exterior, chegou ao Brasil já adolescente e estudou pintura e arquitetura na Escola Nacional de Belas Artes, da qual, em 1930, foi nomeado diretor, para promover profundas mudanças no sistema de ensino. No ano seguinte, reformularia também o Salão Nacional de Belas Artes, que teria Manuel Bandeira e Anita Malfatti entre os jurados da sua 38ª edição.

As parcerias com o arquiteto francês Le Corbusier no projeto do Ministério da Educação, no Rio de Janeiro, e com Oscar Niemeyer no estande do Brasil na Feira Mundial de Nova York foram os ensaios gerais para sua grande obra, Brasília, a única pela qual guardou, até o fim da vida, orgulho assumido.

"Eu não me sinto responsável por nenhuma obra especial senão a criação de uma cidade nova, a Capital", diria Lucio Costa em sua última entrevista, concedida ao *Comeio Braziliense* em outubro de 1997, quando também jogou por terra a teoria de que o desenho da cidade se inspirava em um avião: "Não tem nada de avião! É como se fosse uma borboleta. Jamais foi um avião!".

Quando reviu a cidade, em 1985, depois de duas décadas de ditadura, a convite do então governador José Aparecido, Lucio Costa se emocionou até com o que não saiu tal e qual ele previu. "Não era uma flor de estufa, uma coisa requintada e meio artificial como eu pensei. Foi o Brasil de verdade, o lastro popular do Brasil é que tomou conta dela" - assim ele lembrou, em depoimento gravado para o Arquivo Público do DF,



Arquivo Público do Distrito Federal

o fim de tarde em que se misturou aos candangos entre caldos de cana e pastéis.

Nesse mesmo depoimento, Lucio Costa voltou a falar da ideia distorcida que alguns brasileiros fazem da cidade. Mas, dessa vez, confiante de que a história sempre faz justiça: "Entendo que Brasília valeu a pena, e com o tempo ganhará cada vez mais conteúdo humano e consistência urbana, firmando-se como legítima capital democrática do país. Ela foi concebida e nasceu como capital democrática, e a conotação de cidade autocrática que lhe pretenderam atribuir, em decorrência do longo período de governo autoritário, passará".

# Israel Pinheiro

POR VICENTE SÁ

O jornalista e escritor Otto Lara Resende costumava dizer que Brasília foi produto da conjugação de quatro loucuras: a de Juscelino, a de Israel Pinheiro, a de Oscar Niemeyer e a de Lucio Costa. Dos quatro comandantes da mudança da capital para o Planalto Central, talvez o menos popular seja Israel Pinheiro.

Homem de muita energia e poucos sorrisos, foi talhado sob medida para presidir a Novacap, empresa que cuidaria de tudo durante o período da construção e início da vida de Brasília. Talvez por isso mesmo tenha se tornado ainda mais duro. Eram muitas obras e muito dinheiro vivo circulando. Tudo tinha que ser controlado por um homem austero como Israel.

Minheiro de Caetés, filho de pai político, jovem ainda ingressou no mesmo caminho. Quando, deputado no Rio de Janeiro, em 1956, JK o convidou para dirigir a Novacap e, temeroso de uma recusa, passou horas e horas conversando e desconversando, ele se adiantou e disse: "Não precisa me convidar não, Juscelino, eu aceito". Renunciou ao mandato e seguiu com JK. Era esse o seu perfil.

Nos 1.300 dias de construção de Brasília, até a inauguração em 21 de abril de 1960, a Companhia

Urbanizadora da Nova Capital do Brasil, Novacap, fez de tudo. Contratou empresas, comprou material, alugou equipamentos, forneceu habitação, água e luz, alimentos, lazer, segurança, saúde, cultura e transporte.

Se os operários trabalhavam incessantemente, horas a fio, revezando-se em três turnos, ele fazia o mesmo. Era um obstinado, como diziam os candangos. Sob sua batuta foram construídos os palácios, o Congresso Nacional, a Torre de TV, usinas hidrelétricas, ministérios, rodoviária, aeroporto, hotéis e toda a infraestrutura - redes de água potável, esgotos, telefonia e energia elétrica. Em cada coisa havia a mão e o olhar vigilante de Israel Pinheiro.

Se não tocou popular, fez-se respeitado. Tanto que, logo após a inauguração de Brasília, foi nomeado por JK seu primeiro administrador. Quando morreu, em 1973, sobre ele disse Nelson Rodrigues: "Assim foi Israel Pinheiro. Força da natureza, de ventania, chovia, trovejava, relampejava".



Divulgação



Divulgação

**ALIMENTAÇÃO e SAÚDE**

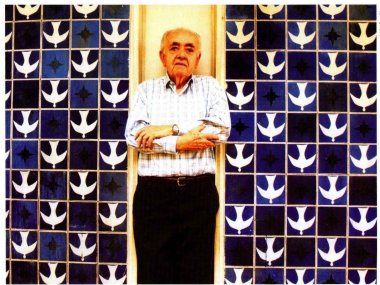
413 Norte Oz

Idealizada pelos irmãos Rafael dos Anjos, nutricionista, e Taliana dos Anjos, personal trainer, a Omega3 serve lanches saudáveis, como sucos terapêuticos, saladas, açai e sanduíches, entre eles o de pão de chá verde recheado com cogumelo shimeji. Preparações especiais como o leite de castanha e sucos vivos. A casa também oferece cardápio para praticantes de atividades físicas com suplementos nutricionais.



# Athos Bulcão

POR MARIA TERESA FERNANDES



Era uma vez um estudante de medicina que desde menino ouvia ópera no gramofone de sua casa e gostava de teatro e artes plásticas. Um dia, o jovem folheava um catálogo de arte numa livraria do Rio de Janeiro quando um desconhecido lhe perguntou se havia ido ao Salião Paulista de Belas Artes. Diante da resposta afirmativa, o desconhecido quis saber se o jovem havia gostado de alguma tela em especial. Sem vacilar, Athos descreveu a obra que lhe chamara atenção. Trazia um homem morto numa bruma e, sob a imagem, a frase: "Um dia nascerá de novo". O desconhecido, então, lhe disse: "Fui eu que fiz".

Que bom que o pintor Carlos Scliar (1920-2001) encontrou Athos Bulcão naquele dia e se encantou com o estudante de medicina que gostava de arte. Não fosse por esse feliz acaso, talvez Athos nunca tivesse conhecido personagens que foram fundamentais

para a guinada que sua vida daria dali em diante.

Essa história foi contada pelo próprio Athos, em entrevista à jornalista Carmem Moretzshon, em 1998. Na ocasião, ele lembrou com carinho os integrantes da "boa turma" que o pintor lhe abriu as portas para conhecer: Burle Marx, Cândido Portinari, Jorge Amado, Oscar Niemeyer, Alfredo Ceschiatti, Noel Rosa e outros que já eram ou viriam a ser consagrados. Foi graças a essas novas amizades que Athos acabou abandonando de vez a medicina para seguir o caminho das artes plásticas até o final da vida, em 2008, aos 90 anos.

Seu primeiro professor foi ninguém menos que Portinari (1903-1962), com quem aprendeu a usar magnificamente as cores. Depois, foi trabalhar no ateliê de Burle Marx (1909-1994), onde desenhava e aprendia a pintar em tela. Um belo dia, o arquiteto Oscar Niemeyer foi visitar Burle Marx e viu

Athos fazendo uns desenhos a guache. Ele disse: "Ah, que coisa bonita, vamos fazer um azulejo com isso?".

Em 1943, Niemeyer encomendou a Athos um projeto para os azulejos externos do Teatro Municipal de Belo Horizonte. A obra ficou inacabada e o painel não saiu, mas 14 anos depois Niemeyer o chamou para trabalhar na equipe que construiria Brasília, cidade onde morou até morrer. No ano seguinte fez, então, o primeiro painel de azulejos da cidade, na Igreja de Fátima (foto). Logo depois, o painel do Brasília Palace Hotel, a pintura do teto da Capela do Palácio da Alvorada e dezenas de outros painéis que hoje estão definitivamente incorporados à paisagem urbana de Brasília.

No livro *Athos Bulcão*, editado em 2008 pela fundação que leva seu nome, inúmeros arquitetos foram unânimes em reconhecer que talvez nenhum outro tenha conseguido integrar de forma tão profunda sua arte com a arquitetura. Talvez o exemplo mais recente disso seja sua intervenção nos hospitais da rede Sarah, projetados pelo arquiteto João Filgueiras Lima, o Lelé, e construídos nos anos 90.

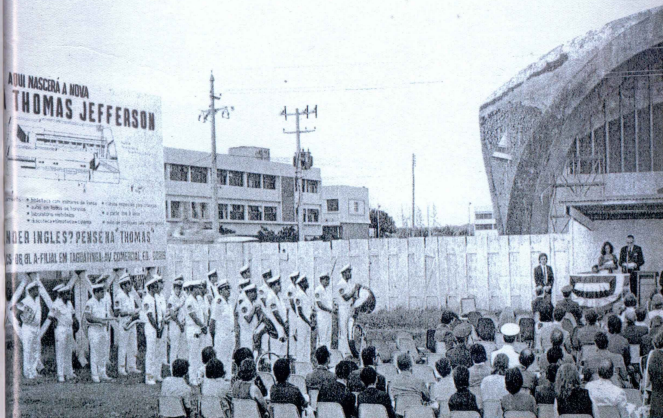
Sobre eles, disse Athos, certa ocasião: "É muito bom trabalhar para coisas coletivas. Coloquei alguns bichos pelos corredores que foram feitos pensando nas crianças que ficam lá internadas meses a fio. Quando passam para tomar sol, ficam vendo uma coisa leve, gostam, criam uma relação afetiva. É muito bom".

É muito bom, Athos, andar pela cidade que você ajudou a humanizar e contemplar seu talento em cada intervenção colorida em prédios, praças e palácios de nossa Brasília cinquentona. Nós, brasilienses de coração, somos eternamente gratos à sua arte.

Brasília nasceu acolhida por visitantes do mundo inteiro. E todos falavam inglês.



A Casa Thomas Jefferson surgiu em Brasília no ano de 1963. Desde então, a história dessa instituição, brasileira e brasileira, sem fins lucrativos, está intimamente ligada à da cidade. A Casa Thomas Jefferson cresceu e acompanhou o desenvolvimento da nossa capital que, hoje, cinquentona, fala a linguagem do mundo: é moderna, cosmopolita, antenada e globalizada. Por isso somos tão parecidos: a Casa Thomas Jefferson adota os mais modernos, atuais e avançados recursos para ensinar inglês e se orgulha de ser de Brasília, uma cidade onde todos falam bem. Principalmente quem estuda na Casa Thomas Jefferson.

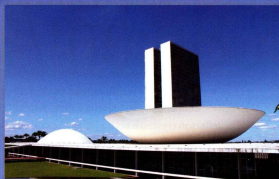


1972 - Lançamento da pedra fundamental.

Asa Sul • Lago Sul • Asa Norte • Sudoeste • Taguatinga • Águas Claras

[www.thomas.org.br](http://www.thomas.org.br) 3442.5500





# Praça dos Três Poderes

POR LÚCIA LEÃO

**B**rasília não tem nada de avião. É uma borboleta que a inspira, e a Praça dos Três Poderes seria a cabeça da libélula. É o que disse Lucio Costa. Quem contesta?

Faro é que aquele triângulo, no extremo leste da cruz que rasgou o cerrado, indicando os primeiros limites da cidade, guarda a essência de sua vocação: ser a capital de uma república democrática, regida, em equilíbrio, por três poderes autônomos abrigados nos prédios projetados por Oscar Niemeyer. Ao centro, o Congresso Nacional, sede do Poder Legislativo; ao norte, o Palácio do Planalto, sede do Executivo; e ao sul o Supremo Tribunal Federal, instância maior do Poder Judiciário. No meio, a praça é dos pombos, do povo e de sua história. Vamos começar por aí!

O povo, na Praça dos Três Poderes, é sempre presente. Quando não em carne e osso, na figura dos *Doisandangos*, como popularizou-se

as *guerreiros*, escultura em bronze de Bruno Giorgi, com oito metros de altura, transformada em símbolo da cidade junto a *A Justiça*, esculpida em granito por Alfredo Ceschiatti também para ornar a praça.

Partes importantes da história do Brasil estão contadas no Museu Histórico de Brasília, prédio-escultura também de Niemeyer que narra a epopeia da construção, e no Espaço Lucio Costa, que guarda nas entranhas da praça a maquete da cidade e os documentos sobre sua concepção urbanística. Históricos, também, são o gigantesco mastro da bandeira, de 100 metros de altura, encomendado ao arquiteto Sérgio Bernardes e fincado na praça em 1972 como um marco da ditadura militar (período que, infelizmente, também não podemos esquecer), e o Pantoon da Pátria, construído a seu lado em homenagem à redemocratização e a Tancredo Neves, que a personalizou. Lá está

a pira onde fica permanentemente acessa a chama da liberdade. Sim, e os pombos! Poucos, ao redor do mundo, têm morada tão nobre quanto os que se abrigam na escultura-pomba projetada em 1961 por Oscar Niemeyer a pedido da então primeira dama do país, Elói Quadros, para compensar as aves pela falta de árvores na praça de concreto.

Dos prédios que circundam o "Versalhes, não dos reis, mas do povo" — como Lucio Costa definiu a praça, numa referência aos jardins de onde emanava o poder monárquico francês até a Revolução de 1789 — o Congresso Nacional é, assumidamente, o preferido de Oscar Niemeyer, que gostava de frequentá-lo, na década de 1990, para visitar o amigo senador Darcy Ribeiro. Na última dessa

visitas, no início de 1997, Darcy discursava no plenário e, enquanto o aguardava, Niemeyer rabiscou na parede de seu gabinete os croquis da UnB, do Sambódromo, do Memorial da América Latina e do próprio Congresso, sem esquecer a dedicatória: "Para Darcy, meu irmão, que contribuiu definitivamente para todos esses projetos". Quando chegou e viu aquilo, Darcy, abatido pelo câncer que o mataria meses depois, desabou em um choro emocionado. E emocionosa-se até hoje quem vê a obra.

A parede do gabinete 11, hoje ocupado pelo senador Francisco Dornelles, foi tombada e integrada ao riquíssimo acervo artístico do Congresso junto a obras de Di Cavalcanti, Alfredo Ceschiatti, Marianne Peretti, Fayga Ostrower, Caribé, Volpi, Athos Bulcão e Maria Bonfatti, entre outros gênios. Sem falar na concepção plástica extremamente arrojada do próprio prédio — melhor dizendo, do conjunto de prédios — onde se destacam as duas cúpulas sobre os plenários, sendo a maior e convexa a da Câmara e a côncava e menor a do Senado.

Os dois prédios verticais ao centro do Congresso, com seus 28 andares, são os primeiros aranha-céus da capital. Uma vez por ano — e só uma, por conta do movimento de translação da Terra — a lua cheia se projeta ao céu exatamente entre as duas torres. Quem nunca viu fique atento ao calendário. É um dos mais belos espetáculos criados pela parceria homem e Deus.

Nas outras duas laterais da praça, o Palácio do Planalto (oficialmente Palácio dos Despachos) e o Palácio da Justiça são os principais exemplos de harmonia entre retas e curvas perseguida por toda a escala monumental de Brasília. Em ambos, as colunas, velas de concreto ao vento, parecem mesmo "leves como penas pousando no chão", como os concebeu o arquiteto.

De beleza ímpar e plena de significados, a Praça dos Três Poderes é, como quis Lucio Costa, "um exemplo contemporâneo, com o valor, a presença das tradicionais praças antigas".



POR LÚCIA LEÃO

**P**rimera construção em alvenaria de Brasília, o Palácio do Planalto foi erguido em 14 meses, e quase dois anos antes da inauguração da capital já acolhia o presidente Juscelino Kubitschek, que até então se hospedava, em suas vindas à cidade em construção, no sobrado de madeira quase que por ironia tratado por palácio: o Catetinho.

Talvez não seja fácil a associação imediata, mas depois de se conhecer a intenção de Oscar Niemeyer é difícil olhar as colunas que sustentam o Palácio da Alvorada sem enxergá-las como relevos que ornaram o avatardado de um casarão colonial. Com a diferença de que, ao contrário das tradicionais casas grandes das fazendas brasileiras, a residência oficial do presidente parece leve como uma pluma possada sobre uma bandeja de vidro.

Do que não é capaz o lápis do artista! Pode fazer do palácio a própria alvorada, róseo aos primeiros raios de sol que submergem exatamente às suas costas, no centro do lago — este também construído no lugar de onde JK sonhou construir um país. Assim ele disse no discurso que está reproduzido na parede dourada do hall de entrada do Alvorada: "Desto Planalto Central, desta solidão que em breve se transformará em cérebro das altas decisões nacionais, lanço os olhos mais uma vez sobre o amanhã do meu país e antevejo esta alvorada com fé inquebrantável em seu grande destino".

O Palácio da Alvorada tem três pisos. No térreo está, por assim dizer, a área pública da residência, com salões onde o presidente recebe as visitas

oficiais e que nas tardes de quartas-feiras são abertos para o público. O subsolo abriga a parte "funcional" (cozinha, despensa, lavanderia, almoxarifado e administração), um auditório para 30 pessoas e um salão de jogos que na era Collor abrigou a academia high tech do então presidente. No primeiro andar estão as dependências íntimas, com quatro suítes, dois apartamentos e sala reservada.

Certamente não é fácil morar num palácio de espaços amplos, decorados com móveis, tapetes e objetos que estão mais para peças de museu do que utensílios do lar. O ex-presidente João Figueiredo e a mulher, dona Dulce, não conseguiram e se mudaram para a Granja do Torto, a residência de campo. As outras primeiras damas — cada uma a seu estilo — tentaram vencer a impessoalidade da residência oficial. A primeira dona da casa, Sarah Kubitschek, muito religiosa, pediu e ganhou uma capela no fundo do terreno. Pequena jóia concebida por Athos Bulcão, a capelinha se deteriorou por um longo período de abandono, mas foi restaurada pelo IPHAN e reinaugurada em 2007. Mesma sorte não teve dona Marisa Leticia que, para se sentir em casa, plantou flores vermelhas que, na década de 1970, eram comuns no canteiro do jardim, a estrela do PT. As flores viraram munição pesada para os adversários do governo e foram arrancadas como ervas daninhas que maculavam a pureza dos jardins desenhados por paisagistas japoneses e presenteados pelo Príncipe Hirohito a JK.





# Catedral

POR LÚCIA LEÃO

Naquele 21 de abril em que Brasília foi inaugurada, a Catedral era apenas a estrutura hiperbólica de 16 pilares que pareciam só por milagre ficarem em pé. Depois de 50 anos, a vista se acostuma e a forma do grande templo parece até normal. Mas quando se descortinou pela primeira vez, foi absolutamente surpreendente ver o círculo de colunas de concreto cujas extremidades não convergiam na forma pontiaguda das catedrais góticas ou nas abóbodas redondas das igrejas barrocas.

Ao contrário, se abriam num gesto expansivo de adamação.

Maior desafio estrutural entre os prédios-esculturas que compõem a chamada "escala monumental" da cidade, a construção da Catedral só foi possível graças a uma legião de anjos que baixaram em Brasília encarnados em arquitetos, engenheiros, calculistas, operários e artistas. Foi de um deles, o arquiteto Carlos Magalhães, a ideia de

desenhar uma das colunas de estranha forma, em tamanho natural e a carvão, no chão do enorme galpão construído no canteiro de obras. Sobre o desenho os operários construíram a armação de madeira que receberia o cimento para moldar o concreto armado. "Só essa estrutura de madeira era uma obra de arte", recordou-se Magalhães em depoimento para o Arquivo Público do Distrito Federal. O engenheiro Joaquim Carlotto assinou os cálculos estruturais dos 2.000 metros quadrados da obra.

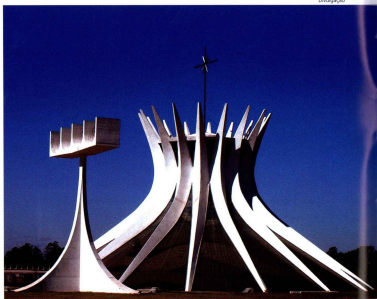
Entre centenas de anjos anônimos, muitos já reverenciados desceram ali no extremo da Esplanada dos Ministérios para contribuir no embelezamento do projeto. Di Cavalcanti desenhou os painéis representando a Via-Sacra. Athos Bulcão pintou a história de Nossa Senhora nos pilares da entrada do templo e o painel da parede da pia batismal, está desenhada em forma oval por Alfredo Ceschiatti. O mesmo

artista mineiro projetou e edificou em bronze, com ajuda do escultor Dante Croce, os gigantescos Evangelistas – Mateus, Lucas, Marcos e João, estátuas de três metros de altura – postados no passeio de acesso à Catedral e os três Anjos que voam presos a cabos de aço sobre o altar central. Mais de duas décadas depois da inauguração, Marianne Peratti pintou os vitrais em formas onduladas que até hoje incomodam os mais puristas, que preferiam o vidro branco e o concreto nu das pilastras do projeto original.

Para colocar seus anjos a voar sobre o altar doado pelo Papa João VI, Ceschiatti trabalhou duro e realizou vários estudos, com esculturas em menores proporções. Uma delas está numa chácara do Lago Sul, onde a empresária Vera Brant – ela própria um dos anjos mais zelosos dessa legião obstinada evocada por JK – guarda um pouquinho da história de cada etapa e de cada personagem da construção.



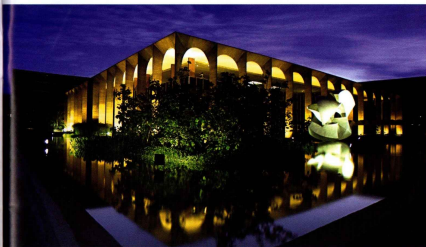
Rodrigo Oliveira



Douglas

# Palácio do Itamaraty

POR LÚCIA LEÃO



STREIBER

Até aos olhares mais atentos já passou despercebido o paredão de concreto que limita os terrenos do Itamaraty e da Câmara dos Deputados. Talvez interesse saber que ele tem o gigantismo da obra de uma barragem e foi dimensionado para sustentar toneladas de terra alagadas por água correlada na reconstituição artificial de um brejo sertanejo, habitada das veredas de buritis. Mesmo assim, é invisível. Não são as toneladas de concreto, mas as palmeiras que se veem. E nem são as palmeiras, propriamente, mas o todo da paisagem, com suas mais de 80 espécies de plantas da Amazônia e do Cerrado que envolvem o espelho d'água que, por sua vez, circunda os arcos simétricos onde, para muitos, os gênios criadores de Brasília atingiram a perfeição.

O Itamaraty foi o último dos palácios construídos em Brasília. A pedra fundamental foi lançada em setembro de 1960 e neste 21 de abril de 2010 completam-se não 50 e sim 40 anos de sua inauguração oficial. Mas não da abertura dos seus salões, que

antes mesmo de receber toda a burocracia da diplomacia brasileira já haviam sido iluminados para deixarem boquiabertos, em 1967, o príncipe herdeiro do Japão e a Rainha Elizabeth da Inglaterra, esta recebida "com uma festa que jamais se deu aqui no Planalto", como recordaria o embaixador Wladimir Murinho.

A distribuição espacial, o desenho simétrico das quatro fachadas em arco e a opção pioneira pelas paredes em concreto armado nu – as essências da criação de Niemeyer – por si só imprimem ao Palácio do Itamaraty "uma nobreza delicada sem igual", como definiu o grande mestre da história da arquitetura Yves Brund. Acrescente-se a essa concepção arquitetônica a inspiração dos melhores artistas de diversas tintas, a somar detalhes em um conjunto magicamente harmonizado, e teremos a que já foi nominada por muitos a mais bela edificação das Américas.

Bruno Giorgi colocou um meteoro flutuante de 30 toneladas no espelho d'água, entre coloridos petex

tropicais, para representar a integração pacífica entre os cinco continentes. A escultura dá a dimensão do que está por vir. Do piso do andar térreo – um mosaico em mármore de Athos Bulcão – ao teto da sala de jantar terceiro andar – de madeira policromada do Século XVIII, vinda do salão de música de uma fazenda de Paracatu – o Itamaraty é um santuário à arte e à cultura polifacetada que tão bem trazem a alma brasileira. Não fosse assim, como poderiam conviver em tanta harmonia as moderníssimas e imponentes lâminas de alumínio da escultura de Mary Vieira e os delicados anjos barrocos do Século XVIII? Com um dos acervos mais ricos e representativos do país, o Itamaraty é guardião, entre outras obras, dos estudos de Cândido Portinari para o mural Guerra e Paz, que está na ONU, em Nova York.

Como um museu vivo, o Itamaraty se torna mesmo pleno com a presença humana. Nunca se percebeu, por exemplo, quão elegante é a escadaria em forma de hélice projetada por Milton Ramos para levar do térreo ao mezanino – uma das principais marcas do Palácio – como quando a percorreu a lendária Lady Di, coroada e fantasiada de princesa para a recepção oferecida, em 1989, pelo governo brasileiro. Assim como jamais se tinha explorado a dimensão democrática de seus salões até eles serem utilizados pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva para eventos tão concorridos como o lançamento do programa de construção de casas populares, com milhares de líderes comunitários de todo o país.

Esse é o Palácio do Itamaraty: nobre e plebeu, monumental e simples, elegante e despojado. Moderno e eterno.



OS MONUMENTOS

# Ponte JK

POR VICENTE SÁ

A linhaada com a ideologia arquitetônica que dominou a construção da cidade, a Ponte Juscelino Kubitschek vai além da sua função meramente utilitária de elo entre Plano Piloto, Lago Sul, Paranoá e São Sebastião. Ela é também o mais novo dos monumentos turísticos da cidade considerada um ícone mundial da arquitetura moderna.

Inaugurada em 2002, a ponte tem 1.200 metros de extensão e é emoldurada por três arcos inspirados no movimento de uma pedra que quica sobre o espelho

d'água. Sua estrutura é constituída por três vãos de 240 metros cada, apoiados em quatro pontos no espelho d'água. A trajetória curva, e não reta, como seria usual, busca impedir a monotonia do ponto de vista de quem a cruza e também, no jogo de luz e sombra, de quem a vê de longe.

Por ser o mais novo monumento da cidade, foi adotada pelos jovens, que logo se interessaram em assistir, de suas duas pontas, ao pôr do sol. Assim, logo após a inauguração, virou *joint* de rapazes e moças que dela se apossaram, violão em punho.

Projetada pelo arquiteto carioca Alexandre Chan, a terceira ponte de Brasília recebeu em 2003 a medalha Gustav Lindenthal, outorgada pela Sociedade dos Engenheiros do Estado da Pensilvânia, Estados Unidos, prêmio que a credenciou como a mais bela do mundo.

Para os brasilienses, a Ponte JK excede suas funções. Patinando solta sobre o Lago Paranoá, essa criança de cimento e metal, com apenas oito anos de vida, assiste, durante boa parte do ano, aos passeios cada vez mais numerosos de barcos e *parasails* a colorir os céus de Brasília.



## Um sentimento sem paralelos

Há 50 anos, ainda sem eixos, entramos em um avião e pousamos nossas vidas em uma cidade monumental. Aqui, nossos planos foram traçados e, algumas vezes, golpeados por ações e interesses que nos ameaçavam. Apesar de tudo, fomos valentes candangos! Hoje, guiados por uma profecia, antevemos esta alvorada com fé inquebrantável e uma confiança sem limites de que o nosso grande destino é fazer desta cidade a ponte para a nossa alegria.

Durante este mês, comemore o aniversário da cidade no Bar Brasília.



**Chopp em dobro**  
a partir das 23h  
de segunda a quarta

**Viva Brasília**  
Viva o nosso amor

Apoio:

**AmBev**

**Petisco**  
Comemorativo

Brasília 50 anos

**Isca de Bacalhau**  
com desconto especial



506 Sul - 3443-4323

# Piantella

POR LÚCIA LEÃO



Foto: Domingos

Os que ainda se iniciam nas suíças da cidade podem achar exagero. Mas - fala sério! - dá pra imaginar Brasilis sem o Piantella? Digo mais: não dá pra imaginar o Brasil em que vivemos hoje sem o Piantella. Afinal, foi nas mesas do restaurante, em almoços sigilosos ou notidades homéricas, que se articulou, passo a passo, o processo de abertura e se consolidou a Nova República, nosso rito de passagem político da ditadura militar para a democracia.

Ao longo de seus 34 anos de história, o Piantella - nascido em outubro de 1976 como Taraneta, nome arrebatado, em disputa judicial, por uma pizzaria paulista - já teve várias roupagens. Mudou a decoração, quebrou paredes, abriu e fechou espaços, mas preservou a todo custo sua essência, representada numa peça do mobiliário e em alguns itens do cardápio.

O salão da sobreloja do restaurante foi praticamente todo transformado em adega, com espaço para қоuetéis e eventos. Das mesas que outrora eram as preferidas para as confabulações

políticas sigilosas ficou a do canto do fundo, onde o deputado Ulysses Guimarães sentou-se por mais de uma década com seu pequeno exército em torno de uma garrafa de *poire* (destilado francês aromatizado por uma pera dentro da garrafa, servido inicialmente só no Piantella, e que virou símbolo daqueles conspiradores do bem, a "turma do *poire*").

Foi ali que, no fim da noite de 1º de fevereiro de 1886, Dr. Ulysses comemorou a instalação da Assembleia Nacional Constituinte. Num discurso histórico, ele agradeceu o silêncio cúmplice dos jornalistas e funcionários do Piantella, que testemunharam a preparação de muitos lanches do intrincado *xadree* político que se jogava naquela época e, estrategicamente, se calaram: "Se essa mesa, essas cadeiras e essas paredes falassem, muitos dos nossos sonhos não teriam se tornado realidade", atesto o timoneiro.

Histórias como essa o Piantella tem aos borbotões. E para não esquecer-las a casa transformou o "canto do Ulysses" num pequeno museu, decorado com fotografias e páginas emolduradas de

jornais que documentam aquele período.

Se já era "uma extensão do Congresso", como definiu o comentarista política Dora Kramer, o Piantella ficou ainda mais com a cara de Brasília quando ganhou, há três anos, uma fachada assinada por Athos Bulcão. A composição simétrica era reprodução do painel criado para a parede interna do salão do Clube Social do Congresso. Agora é obra original, já que o clube foi demolido.

Mas não vamos esquecer que essa "entidade" chamada Piantella é também um restaurante, várias vezes apontado como o melhor da cidade e recomendado pelos principais roteiros gastronômicos do país. Oferece um cardápio clássico e variado e uma cozinha onde se harmonizam, pelas mãos mágicas do chef Marco Aurelio Costa, receitas tradicionais da alta culinária internacional, como o coq au vin, o file flambado ao molho de escargot e o risoto de rã e ervas frescas - além da popular e brasileríssima feijoada, também ali a vedete principal dos almoços de sábado.



# Roma

POR VICENTE SÁ

Em 1960, faltando uma semana para a inauguração, quando a poeira e a correria eram grandes na futura capital da República, um italiano abriu as portas de seu restaurante, que, por motivos óbvios de saúde, se intitulava Roma. Casa de massas e carnes, ao passar à mão do belga Simon Pintel, quatro anos depois, teve seu cardápio, empregados e decoração conservados na íntegra, pois, afinal, a gastronomia ainda não era muito a praia desse comerciante de roupas que chegava pouco tempo antes a Brasília.

A aversão a mudanças radicais acabou se tornando uma característica desse que é o mais antigo restaurante de Brasília. Lá, qualquer novidade tem no mínimo cinco anos de gestão e outro tanto para ser introduzida no cardápio. Por isso, quem cresceu na

cidade e participou de almoços de família no Roma tem hoje a grata satisfação de proporcionar o mesmo prazer a seus filhos e netos. No Roma, pouca coisa mudou.

Mesmo nos anos 60 e 70, quando foi frequentado por embaixadores, políticos e artistas em turnês, e as famílias de classe média eram minoria, seus pratos serviam bem mais de duas pessoas e tinham na gastronomia italiana um porto seguro. É comum encontrarmos lá fregueses que fazem seus pedidos sem consultar o cardápio, destemidos em relação à qualidade e ao preço. A arte de permanecer o mesmo foi muito bem desenvolvida por Simon e transmitida com firmeza a seus comandados.

Alguns garçons estão na casa há mais de 30 anos - e mais novos já beiram os dez. O prédio passou por

apenas duas reformas nesses 50 anos. "Apenas para ganhar mais espaços e adaptar a cozinha aos novos tempos e equipamentos", garante o proprietário. Mudar de endereço, então, nem pensar. O Roma foi ponto de referência na infância de muitos garotos da Asa Sul - afinal era o melhor e mais conhecido restaurante da cidade, pouco importa se por falta de outras opções.

Com o passar do tempo, o Roma consolidou sua posição de restaurante de classe média - e dela não pretende abrir mão. Com uma frequência média, nos dias úteis, de 150 pessoas, que se dividem em seus três ambientes, nos fins de semana a casa chega a receber até 500 clientes. Qual seria o segredo? O segredo está na arte rito bem desenvolvida por esse belga de ser o que é, e nada de surpresas.



## Armazém do Fereira

Bar e restaurante inspirado no Rio de Janeiro dos anos 40. O buffé, com cerca de 20 tipos de frios, sanduíches e rodadas de empadas e quibes, e a performance do garçom Tampinha são atrações certas para os frequentadores.

212 Norte (3327.8342) / CC: Totus



## Bar Brasília

Em plena W3 Sul, o Bar Brasília tem decoração caprichada, com móveis e objetos da primeira metade do século XX. Destaques para os pastéis de leite. Sugestão de gourmet: Cordeiro enepado com ingredientes especiais que realçam sua sabor. 566 Sul Bloco A (3443.4323) CC: Totus



# Dom Francisco

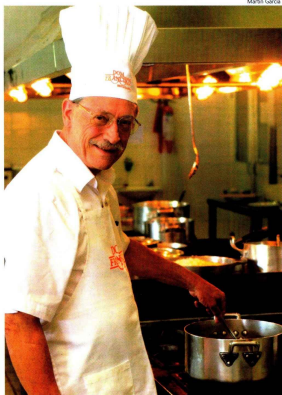
POR ANA CRISTINA VILELA

**B**rasília, 1988. Uma cidade no auge da juventude, 28 anos, ainda se estruturando, arrumando as malas para se libertar um pouco mais, criar o próprio espaço, encontrar vocações além das do setor público.

Poucas eram as casas com boa comida e bom serviço. E um caso muito sério: não se encontravam facilmente pescados, entre eles o bacalhau, e nem picanha de qualidade, que se tornariam os carros-chefe do Francisco Restaurante (anos depois, Dom Francisco), aberto em 22 de julho daquele ano. Além de suprir carências, o cardápio conta um pouco da história do chef e proprietário Francisco Ansiliero.

Um ano antes, ele havia chegado a Brasília com a mulher Carmélia e as três filhas, Giuliana, Graziela e Gigliolam, depois de ter morado em Iomerê (SC), onde nasceu em 1939, em Salto Veloso (SC), em Pato Branco (PR), mais uma vez em Iomerê, em São Paulo, em Joaçaba (SC) e no então Território de Rondônia. Durante todo esse tempo, Ansiliero não trabalhou como chef ou cozinheiro. Formou-se em Filosofia, licenciou-se em Pedagogia e fez mestrado em Pedagogia Educacional na PUC de São Paulo. Passou 26 anos no magistério.

Quando em Rondônia, em 1987, foi convidado a vir para Brasília, trabalhar no Ministério do Interior. "Chegamos na época do desmonte dos ministérios, os projetos ficavam parados", conta. Por esse motivo, ele e a esposa, também professora, decidiram voltar para Santa Catarina,



Martin Garcia

Da infância, trouxe a picanha; de São Paulo, o bacalhau, que aprendeu a fazer com os portugueses de Três-os-Montes; e da Amazônia, o tambaqui. Curioso que é, e sendo um apaixonado por gastronomia, sempre pesquisou e se interessou pelos alimentos locais, pelo que as pessoas comiam. Dai o sucesso. "Abrimos em julho, e em outubro já lotávamos", relata.

Quase cinco anos depois, em julho de 1993, a Asbac ganhava o seu Francisco; depois, a Academia de Tênis (1995) e, em seguida, o Metropolitan, atualmente com um dos ex-sócios. Mais duas filiais nasceram em 1997: a do ParkShopping e a do Pátio Brasil, ambas sob os cuidados da filha Giuliana, hoje responsável também pelo restaurante original, da 402 Sul, que voltou às mãos da família pouco mais de dois anos atrás. O nome Dom

Francisco surgiu em 1999, quando houve a separação do sócio que ficou com a filial do Metropolitan. A marca tinha sido usada em São Paulo durante 15 anos, em outra sociedade. Como o restaurante não existia mais, o ex- dono permitiu que Francisco empregasse o nome.

Sempre presente, no almoço ele pode ser visto na Asbac; no jantar, na Academia. Cuida do cardápio, cozinha, testa pratos e vai de mesa em mesa. Muitos chegam e pedem para lhe falar. Ele se levanta, leva as mãos para trás e caminha lentamente pelo espaço, parando aqui e ali. As vezes se senta, bate um papo. E lá se vão 22 anos de restaurante na vida de Francisco Ansiliero, de 70 anos, misturando sua história à da cidade.

Francisco surgiu em 1999, quando houve a separação do sócio que ficou com a filial do Metropolitan. A marca tinha sido usada em São Paulo durante 15 anos, em outra sociedade. Como o restaurante não existia mais, o ex- dono permitiu que Francisco empregasse o nome.

Sempre presente, no almoço ele pode ser visto na Asbac; no jantar, na Academia. Cuida do cardápio, cozinha, testa pratos e vai de mesa em mesa. Muitos chegam e pedem para lhe falar. Ele se levanta, leva as mãos para trás e caminha lentamente pelo espaço, parando aqui e ali. As vezes se senta, bate um papo. E lá se vão 22 anos de restaurante na vida de Francisco Ansiliero, de 70 anos, misturando sua história à da cidade.

# La Chaumière

POR ADRIANO LOPES DE OLIVEIRA

**A**lém de um restaurante italiano – o velho Roma – dirigido por um belga, o cosmopolitismo de Brasília, que recebe de braços abertos gente de toda parte do mundo, produziu outra situação nada comum: um legítimo bistrô francês há 37 anos sob o comando de um legítimo pernambucano. E não é que deu certo? Pois durante todo esse tempo o La Chaumière vem acumulando prêmios e mais prêmios – inclusive os da Roteiro – como melhor restaurante francês da cidade.

Severino Alves Xavier mal tinha completado 16 anos quando deixou para trás o agreste pernambucano, em 1961, para tentar a vida na capital recém-inaugurada. Foi logo trabalhar para Madame Lucette e Monsier Roger Noël no Nosso Bar, primeiro empreendimento do casal francês na cidade. Após 12 anos de muita dedicação, primeiro no bar e a partir de 1966 no La Chaumière, ele recebeu a notícia que iria mudar para sempre o rumo de sua vida.

Corria o ano de 1973 quando Madame Lucette, com quem ele aprendera os segredos da culinária francesa, revelou-lhe a disposição do casal de passar para frente o restaurante e retornar à França.

"Para minha surpresa, ela disse que o comprador só poderia ser uma pessoa – eu mesmo – mas impôs uma condição: que eu não mexesse nem no tamanho do restaurante", lembra Severino, que cumpriu quase à risca a "ordem" dos ex-patrões.

Quase porque, embora mantendo praticamente intacto o ambiente simples e acolhedor da casa, com espaço para apenas 28 pessoas, Severino introduziu dois novos pratos no cardápio: o filé à Danielle (com queijo roquefort ao poivre), homenagem ao nascimento da filha, 25 anos atrás, e o filé à Gabrielle (com molho de abacaxi, mustarda, suco de laranja, vinho e champignon), outra homenagem, agora à primeira neta.

Jamais se soube de alguém que tenha percebido, ou se queixado,



Danielle

de queda na qualidade dos pratos ou do serviço da casa. Tanto que não demorou muito para que o ex- garçom passasse a ser chamado carinhosamente de "chef Severran" pelos frequentadores mais assíduos da casa, entre os quais se orgulha de citar os ex-presidentes Fernando Henrique Cardoso e José Sarney e o atual, Luiz Inácio Lula da Silva.



## Bar do Mercado

Em ambiente acolchegante, com decoração pontuada por arte e história, pode-se tomar um caixinho ou um chope para acompanhar o pastel de bacalhau, o sanduíche de mortadela ou o autêntico Bauru. No almoço, cardápio paulistano.

508 Sul (244.7999) / CC: todos



## Bar Brahma

A casa de Brasília segue a proposta das outras filiais, com shows, boa comida e o tradicional chape cremoso. Frequentado por grandes personalidades da política e da música. A decoração é inspirada nas décadas de 50 a 70. No sábado, tradicional feijada ao som de chorinho e samba de raiz. Cardápio assinado pelo chef Olivier Angelier.

281 Sul (324.9312) / CC: todos

# Fritz

POR LÚCIA LEÃO



Rodrigo Oliveira

**O**s brasileiros amantes da boa mesa e, mais que isso, do bom convívio, vão concordar que poucos restaurantes da cidade se mantêm tão fiéis ao projeto original, que cativou tantos clientes exigentes, quando o Fritz. Há 30 anos ele serve a melhor comida alemã da cidade e está no roteiro da crítica especializada como uma das cozinhas germânicas preferidas do Brasil.

Fritz Klinger, proprietário da casa, continua firme à frente do negócio, assim como mantêm a decoração, o mobiliário, as toalhas, louças e talheres tal e qual se recordam os que, nos idos da década de 1980, não pensavam muito para escolher

point gastronômico da cidade, sofreu os tempos de decadência, viu abrir-se e fechar-se inúmeras casas e continuou lá, na mesma esquina próxima à L2 Sul onde, do salão avarandado, avista-se o Lago Paranoá.

Conservador assumido, apesar da audácia, Fritz Klinger não é dado a experimentalismos culinários, nem cedeu à tentação dos *self-services* ou balcões de salada que entraram na moda junto com o estilo de vida avarandado da virada do milênio. Se quisesse, ele poderia ser um expoente do *slow food*. Mas cumprir o ritual de uma boa refeição, para o Fritz, não é um movimento. É simplesmente uma questão de hábito e princípios.

O ritual que há 30 anos se repete no Fritz começa pelo antepasto de pães – há um preto, de massa consistente, que só se come ali – acompanhado de pastas e frios especialíssimos. Segue pela vista do cardápio, restrito e de pratos tradicionais. Com calma, e entre bicadas de um aperitivo, pode-se pedir, para entrada, um filé de arenque marinado, uma das grandes pedidas da casa. Como prato principal, as preferências se dividem entre o Joelho de porco com chucrutes, o frango defumado e a trua azul ao molho de alcátrazes. Uma fatia de torra de chocolate meio-amargo e recheio de geléia de damasco é fecho perfeito para o ritual. Dai uma dose de licor, uma xícara fumegante de café expresso e os anjos dizem amém!



#### Sweet Cake

Um dos mais renomados *buffets* de festa da cidade. Mais de dez anos de experiência. Além dos salgadinhos e doces finos oferecidos no *buffet*, destaque para o Risoto de Fôie-Gras, o Carrê de Cordeiro ao Molho de Alecrim e o Filé ao Molho de Tâmaras.  
0121 da Lago Sul (3386.3531)  
412 Sul (3345.3551)



#### Camarão 206

Cardápio variado, sabor e qualidade. O *buffet* do almoço é o carro-chefe, com mais de 10 pratos quentes, diversos tipos de saladas e várias opções de sobremesas, a R\$ 39,90 (2<sup>a</sup> a 6<sup>a</sup>) e R\$ 44,90 (sábados, domingos e feriados) por pessoa.  
206 Sul (3443.4841), Liberty Mall e Brasília Shopping CC, todos

# KitHouse GALLERY

APRESENTA



## Compartilhe a sua sobremesa favorita e concorra a uma cozinha de R\$10.000.

Consulte o regulamento em [www.kithouse.com.br](http://www.kithouse.com.br)



# Beirute

POR VICENTE SÁ



A história das cidades acontece muito mais nas ruas, mercados, praças e bares do que nos gabinetes, plenários e quartéis. É necessário o elemento povo para que a vida pulse, grite, seja. Em Brasília também é assim. E pelas ruas e, principalmente, pelos bares que seimenta, discute, destila os acontecimentos e, é claro, se sonha. Dos tantos bares que existem e existirão na cidade, o escolhido para ser confessoriano e palco, ouvinte e

amante, foi o Beirute. Por quê, ninguém sabe. As razões do amor estão acima da compreensão de quem ama. E amar é prontos.

Com seus pesados bancos de madeira, seus garçons eternamente de paléto vinho, sua cerveja sempre vestida de noiva, seu quibes e pães strios, ele já faz parte do imaginário candango. Pelas noites beiruteanas já passaram músicos da cidade, como Renato Russo, Cássia Eller e Oswald Montenegro, músicos de fora como

Alceu Valença, Rita Lee, Caetano Veloso – e dizem que até mesmo Lucio Costa, o arquiteto que concebeu Brasília, já tomou seu uisquinho no “Beirute”.

Suas mesas já foram trincheiras de resistência na época da ditadura, escritório de criação do slogan “Urna-se a nós” na campanha das Diretas Já, palanque na Constituinte e também salão de festa nas comemorações do impeachment do presidente Collor. Até hoje, no escândalo do mensalão do DEM, é no Beirute que se sabe a última novidade, ou a análise mais interessante ditando os rumos que a política local vai tomar.

Fundado em 1966 por dois árabes, o Beirute mudou de dono apenas uma vez, em 1970, quando foi adquirido pelo ex-garçon Bartô e os irmãos Chiquinho e Aloisio, que não mudaram nada na decoração nem no cardápio – apenas agilizaram o atendimento e criaram a técnica de colocar a cerveja em vários freezers de capacidade diferenciada para manter sempre a cerveja ultra gelada.

Durante os 44 anos de sua alegre existência, o Beirute foi sempre uma referência na noite brasiliense. Não só como local de lazer, mas também como um dos espaços mais democráticos da cidade. No Beirute se pode ouvir de tudo: discussões políticas, teses de filosofia, fofocas de grupos teatrais, declarações de mudança de opção sexual, novas criações de artistas e o tudo mais que você pensar. Um imenso caldeirão borbulhante de vidas diferentes trocando figurinhas.

De tão importante para a vida candanga, o Beirute chegou ao extremo de se tornar a esquina imaginária mais querida de Brasília.



## BSB Grill

Desde 1998 oferece as melhores e os mais diversos cortes nobres de carne: Bife Ancho, Bife de tira, Prime Rib, Picarria, além de peixe na brasa, esfiões, quibes e outras especialidades árabes. Adega climatizada e espaço reservado completam os ambientes das duas casas.

304 Norte (3326.9976)  
413 Sul (3346.9036) CC: A, V



## Roadhouse Grill

Criado nos EUA, foi eleito por três anos consecutivo o preferido da família americana. Com mais de 100 lojas, seus generosos pratos foram criados, pesquisados e inspirados nas raízes da América. Ribs, steaks, pasta, hambúrgueres.

S. Cláudio Sul Tr. 2 ao lado do Pler 21 (3321.8538)  
Terrapço Shopping (3334.8535)



# Baixo Jorjão

POR BETH ALMEIDA

Na Brasília de diferentes brasileiros, provenientes de todas as regiões do país, a esquina mais carrega da noite da cidade, quem diria, é fruto da obra de um mineiro. O que antes era um bar que lembrava a boêmia carioca dos anos 40 e 50, o Armazém do Ferreira se transformou no que os brasilienses hoje chamam de “Baixo Jorjão”, agora um conjunto de três bares que ocupam praticamente todas as laterais do Bloco A da 202 Norte. O lugar tem a marca de seu proprietário, Jorge Ferreira, que se consolidou como empresário de bares e restaurantes de Brasília a partir da inauguração do Feitício Mineiro, na 306 Norte, há 21 anos.

O chope é dos melhores de Brasília, talvez o melhor, já que é lá que trabalha todas as noites o melhor chopeiro da cidade: Valdirnei Pereira Rodrigues, que conquistou o título em concurso organizado pela Ambev, em setembro de 2009. Aliás, o chope bem tirado, em

tulipa fina e gelada, com aquele creme de colarinho, é um dos orgulhos de Ferreira – e um dos folclores da boêmia da cidade dá conta da constante disputa entre ele e Claude Capdeville, da Toça do Chopp, em tempo de quem foi o pioneiro dessas artes na Capital Federal.

Como toda esquina carioca que se preza, o Baixo Jorjão também tem seus personagens, como aquele cliente que gosta de tomar o chope do fim do dia em pé, no balcão de mármore que fica bem ao lado da choperia. Os hábitos nem precisam pedir. A chegada, nem é preciso o pedido. Valdirnei sabe como cada um gosta da bebida.

O cenário não estaria completo sem aquele garçon estiloso, que também conhece as preferências da freguesia.

Nesse quadro se encaixa muito bem o Tomá (esse da foto aí em cima), que diverte o pessoal todas as noites, circulando pelos três bares com sua bandeja de deliciosas empadinhas e quibes. No meio do zum zum zum

de conversas animadas, lá vem ele, cantando músicas populares, flertando com as damas, enfim, praticando as artes circenses que aprendeu quando foi palhaço de um circo no Piauí, sua terra natal. O sucesso é tanto que ele já virou celebridade. No ano passado, estreou um dos programas da série *O bom jeitinho brasileiro*, da TV Futura.

É assim a esquina mais carrega da cidade, que ao mesmo tempo reflete a dinâmica da sociedade que aqui se formou. De muita gente que em Brasília encontrou meio de vida, como o tocaninense Valdirnei, que chegou há 14 anos, encontrou a esposa maranhense e trabalha durante o dia como vidraceiro, acasalando pelo sonho da casa própria já em 2011. Ou como o piauiense Tomá, que quando não está divertindo a clientela do Baixo Jorjão, está à frente de sua própria empresa, que oferece serviços de motorboat, com a ajuda da família que trouxe da terra natal.



# Carpe Diem

POR BETH ALMEIDA

O lugar era considerado maldito, onde nada se manteve ou prosperou entre 1961 e 1990. O prédio na esquina da 104 Sul fora construído por uma italiana, Matilde, que recebera a concessão da área do próprio Juscelino Kubitschek. Foi lá que, há quase 20 anos, cinco sócios decidiram romper uma maldição e abrir o Carpe Diem, com a proposta de oferecer o clima descontraído de um bar, associado a um bom restaurante, algo que ainda não existia na cidade, segundo um dos fundadores, Fernando La Roque.

Aliado ao bom ambiente, ótima comida e bebida, o Carpe Diem tem funcionado nestes 19 anos também como ponto cultural da cidade, onde já foram lançados mais de dois mil livros. Por lá deram autógrafos personagens como Cristóvam Buarque, Delfim Netto, Antônio Houaiss e até a jornalista Ana Paula Padilha, que, segundo La Roque, foi recordista de venda na noite de lançamento. "Este mês estou com a agenda lotada e, cedendo às pressões, vou abrir para

esses eventos também aos sábados e domingos, porque é um espaço que ficou conhecido como de apoio à cultura. Isso é muito importante para a gente", afirma.

Também chegou a funcionar na casa uma livraria e um pequeno ponto de venda de CDs. "Estávamos à frente do tempo, porque depois é que surgiram as grandes empresas como FNAC e Livraria Cultura, com esse mix, mas acabamos desistindo da ideia, porque a gestão dessa quantidade de itens era muito trabalhosa", lembra La Roque. Desistiram também das apresentações de jazz e MPB, sempre instrumental, "em respeito à vizinhança".

O Carpe Diem caiu mesmo no gosto dos comensais brasileiros, que alimentaram sua expansão - hoje é uma rede, com mais cinco casas espalhadas pela cidade. O curioso é que, na verdade, cada uma das casas tem personalidade e vocação próprias. No Brasília Shopping, o carro-chefe é a pizzaria. A do Terraco caminha para ser uma cantina italiana e a do CasaPark tem o perfil de um bistrô

francês. A tradicional feijoada dos sábados agora é servida apenas na 104 Sul. "Não quero concorrer comigo mesmo e também nunca pretendi oferecer uma gastronomia pasteurizada", justifica La Roque, único dono da empresa desde a saída de Jael Silva (com ele na foto, em primeiro plano).

Assim, depois de chegar a ter oito sócios, o Carpe Diem é hoje um empreendimento familiar, em que La Roque conta com a assessoria dos quatro filhos, tendo Fernanda como seu braço direito. O filho cuído dos assuntos financeiros, a filha psicóloga cuida de recursos humanos e a outra comanda a filial do CasaPark.

Para o segundo semestre, La Roque promete um novo Carpe Diem na 104 Sul. "Quero contar um pouco da história do Carpe Diem nas paredes do restaurante", adianta. Ele pretende reunir fotos de amigos e autores que lançaram seus trabalhos na casa, com os respectivos autógrafos e publicações. Mais do que contar a história do restaurante, o acervo contará um pouco da história de Brasília.

# Bar do Amigão

POR VICENTE SÁ

Para início de conversa, vamos falar de um bar onde ainda se consegue bater um papo. Um bar onde quem entra pela primeira vez encontra a luz forte da rua pela penumbra que impera no seu interior mas também - e principalmente - troca a sensação de estar em Brasília pela de se encontrar num boteco do Rio de Janeiro dos anos 60. Essa sensação ainda vai se prolongar durante boa parte do almoço - primeiro, com o cheiro familiar da comida brasileira; depois, com a carícia das conversas baixas e risos francos a lbe escorremem abaixo.

Estavamos falando do Amigão, um daqueles bares que, por sua estrutura física e freguesia, ditaram moda e abriram boas conversas candangas durante as décadas de 80 e 90, junto com os saudáveis Bar do Afonso e Belacap Lanches. O Amigão é o último desses antigos abrigos da cidade que dispensam a televisão e a música ao vivo ou mecânica. Um típico bar de conversa, cerveja e petiscos.

Como nas lendas, a data de sua inauguração é imprecisa, mas desde 1991 ele é dirigido por Rubens Henji Arake, paulista descendente de japoneses que veio ainda menino para o Núcleo Bandeirante, um ano antes da inauguração de Brasília. Pouco afento à bebida, Rubens revelou-se, no entanto, excelente administrador tanto do restaurante quanto da clientela.

Na definição do poeta e freguês João de Camillis, "o Amigão se pode saborear a verdadeira comida de raiz, aquela que não foi inventada recentemente, mas traz toda uma história e uma cultura com ela". No cardápio do Amigão, destaque para a rabada, considerada uma das melhores da cidade, e a feijoada da sexta-feira, também respeitada por conhecedores. Junto com o joelho de porco servido todos os dias, esses pratos arrastam dezenas de comensais que ainda não se renderam às comidas light e adoram

um conversinha sobre o nada depois do almoço.

É constante o burburinho das conversas de funcionários públicos, clientela base do Amigão, misturadas às de jornalistas, professores, secretárias e trabalhadores do comércio. Também não é rara a presença de fregues e proprietários de restaurantes conhecidos da cidade, e até de artistas globais, como Roberto Bonfim. "Ele aqui se sente em casa. Chega, cumprimenta todo mundo, pede a bandinha, a cerveja e depois come sozinho a feijoada, que serve bem duas pessoas", relata Arake.

Brasília, não por ser capital, mas por ser a síntese das culturas nacionais, merece e merece de um bar como o Amigão. E tem de ele ainda por um pouco de time do tempo, melhor ainda.



## San Marino

O rodízio de massas e pães está com preços especiais: de domingo a terça por R\$ 14,20; quarta e quinta por R\$ 16,50; sexta e sábado por R\$ 18,80.

209 Sul (3443.5050)  
CC: Todos



## Villa Borghese

O charme da decoração e a iluminação à luz de velas dão o clima romântico. Aberto diariamente para almoço e jantar. Sugerimos: Tagliatelle Del Mare (tagliatelle em saboroso molho de azeite extra virgem, tomate, alho, manjericão e camarões grandes), por R\$ 45,00.

201 Sul (2228.8650) CC: Todos





# Libanus

POR HEITOR MENEZES

O Libanus, no bloco C da comercial da 206 Sul, é um dos mais queridos e tradicionais bares de Brasília, não resta dúvida. Dissidência do velho Beirute, há mais de vinte anos, o bar rivaliza com este por um lugar cativo na preferência do brasileiro situado na Asa Sul.

Há quem diga que o público do Beirute é mais politizado, enquanto o do Libanus é mais... sei lá. Há quem deteste o desfile da fauna e da flora que passam por lá. Há quem goste justamente disso. Não importa, é democracia. Seja para o almoço, de trabalho ou com a família, ou como ambiente propício à *happyhour* e à paquera, o Libanus oferece um pouco de tudo e merece a visita.

Vejamos os porquês. A cerveja do

Libanus é a mesma que sai da fábrica e abastece os estabelecimentos afins. Podem até dizer que só tem uma ou duas marcas de cerveja. No Libanus, o "pão líquido" é abençoado: recebe tratamento refrigerado, a temperatura certa e a manipulação devida. Chega sempre à mesa vestido em véu de noiva. Segredos da casa.

Assim como são segredos da casa o atendimento dos garçons e as iguarias árabes ali preparadas e servidas, a começar pelo quibe, sempre no ponto em termos de fritura, tamanho e gostosura. Também não deixam de ser elogiados o charuto e as esfirras. O filé à parmegiana é rival em pé de igualdade com o similar servido no Beirute.

Igualmente lembrado pelos frequentadores são o beirute

(o sanduiche), o famigerado frango a passarinho ou a refeição completa, à base de picanha, acompanhada de arroz, feijão tropeiro, vinagrete e batata frita. Água na boca só de pensar.

Um milagre do Libanus. Merluza, o peixe mais sem graça do mundo, desce à mesa com as guarnições triviais. Mas, na alquimia da cozinha e no "jeito Libanus de servir", esse peixe ordinário se transforma, talvez porque lembre aquela comidinha caseira, talvez porque durante muito tempo peixe em Brasília era só merluza. E a merluza do Libanus é a merluza do Libanus.

Eis um programa genuinamente brasileiro: no sábado à tarde, ou no domingo, ficar bebericando com os amigos e ver a vida passar no Libanus. Desce mais uma.



**Mitzu**  
O maior restaurante japonês de Brasília tem capacidade para atender até 240 pessoas em seus cinco salões e duas salas. Serve buffet de 21 a domingo, almoço e jantar; aos domingos, só abre para o almoço até às 17h. São mais de 50 deliciosas sugestões, entre sushis, sashimis e pratos quentes, além do cardápio à la carte. As sextas-feiras, música ao vivo, com o melhor da MPB.  
118 Sul (3245.1788) / CC: Telos



**Nippon**  
Tradicional e inovador. Sushis e sashimis ganham toques inusitados. Exemplo disso é o sushi de atum picado, temperado com gengibre e cebolinha envoltos em fina camada de salmão. As novidades são fruto de muita pesquisa do proprietário Jun Ito.  
483 Sul (3224.0430 / 3223.5213) CC: Telos



Imagem: Alamy, 04/11/2010 a 31/07/2008. Grátis e disponível também na www.gettyimages.com.br

Getty Images, 04/11/2010 a 31/07/2008. Grátis e disponível também na www.gettyimages.com.br

**50** carros

Sorteio toda semana.  
Um pode ser seu.



VARIEDADE, PRATICIDADE, PROXIMIDADE, MODERNIDADE  
E TUDO MAIS QUE RIMAR COM FELIZ CIDADE.

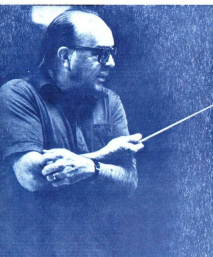
UMA CHUVA DE CARROS NOS 50 ANOS DE BRASÍLIA.

R\$ 250,00 = 1 cupom.  
Comprando com Visa = 3 cupons.



# Claudio Santoro

POR ANA CRISTINA VILELA



Cristina Vilela

Nacional de Brasília.

A ideia surgiu a partir de um núcleo pioneiro de músicos que tocava numa provisória Orquestra do Teatro Nacional sob a direção do maestro Levino de Alcântara. Com uma breve interrupção entre 1982 e 1985, Claudio Santoro dirigiu a orquestra até 1989, função que exercia no instante de sua morte, procaada por um infarto durante um ensaio, em 27 de março, na Sala Villa-Lobos do Teatro Nacional – depois, Teatro Nacional Claudio Santoro.

Primeiro de uma dúzia de filhos de Michelangelo Giotto Santoro e de Cecilia Autran Fanco de Sá, Claudio Santoro veio para o Planalto Central em 1962, quando, a convite do reitor da Universidade de Brasília (UnB), assumiu os cargos de coordenador para assuntos de música, professor titular de composição e regência e chefe do Departamento de Música. Permaneceu na UnB durante quatro anos.

O convite surgiu depois que sua Sinfonia n.º 7 venceu, em 1960, um concurso do Ministério da Educação para comemorar a inauguração da capital. A sinfonia foi gravada em 1964, com Santoro regendo a Sinfônica da Rádio de Berlim, gravação lançada em 1989 pela CBS. Em 1978, voltou a chefiar o Departamento de Música da UnB. Em Brasília, escreveu as sinfonias de números 9 e 10 e preparou a ópera *Alma*, a partir do texto de Oswald de Andrade. Foi para o criador da cidade

escreveu em 1986, o *Réquiem para JK*.

O maestro era filho de militar do exército italiano, natural de Nápoles, que, a convite do irmão, mudou-se para o Brasil no começo do século 20. Com dez anos, Santoro ganhou um violino do tio, quando começou a receber as primeiras lições de música. Menino prodígio, ganhou uma bolsa do governo amazense e ingressou no Conservatório de Música do Distrito Federal, no Rio de Janeiro, onde se formou em 1936, sendo nomeado professor de violino. Trabalhou no Conservatório até 1941.

Entre Brasil e Europa, teve uma trajetória exemplar, recebendo vários prêmios e condecorações e regendo diversas orquestras. Nos primeiros anos da década de 50, tomado de paixão pela pesquisa do folclore e da diversidade regional brasileira, compôs músicas para inúmeros filmes nacionais, muitos deles premiados. Entre os prêmios que recebeu por suas composições e trabalho mundial afora, destaca-se o Prêmio Internacional da Paz, outorgado pelo Conselho Mundial da Paz, em Viena, em 1952, pela partitura *Canto de amor e paz*.

Em 1.º de setembro de 1989, o Senado promulgou a lei que daria ao Teatro Nacional o nome de Claudio Santoro. Merecidamente, porque o maestro foi, sim, um dos construtores de Brasília – que, cada vez mais, respira e vive música.

Em um ambiente alegre e descontraído podem ser saboreados o Tucunaré na chapa, a Trilha sem espinha ou a Patizada na tchapa. Além de pizzas gratinadas e carnes frias. Com certeza, uma excelente opção para o almoço.



**Esquina da Vila**  
restaurant

Vila Planalto - 3306 2539  
CC - Todos

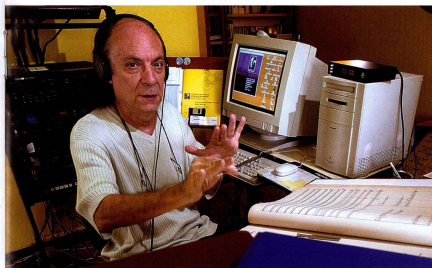


**Praline**

O cardápio é bastante variado, com tortas doces e salgadas, bolos, geléias, quiches, tartes, chás, cafés e sucos naturais. Promoção: café da manhã, de segunda a sexta por R\$ 14, sábado, domingo e feriados R\$ 22,50 e chá da tarde todos os dias por R\$ 23 (buffet por pessoa). 295 Sul Bl. A (I), 3 (3443.7499) / CC: V

# Jorge Antunes

POR HEITOR MENEZES



Heitor Menezes

A vida provoca a arte? Então a arte provoca a vida. Numa variação sobre o chavão de quem imita quem, a pergunta e a resposta cabem como um resumo da obra do maestro e compositor Jorge Antunes, um dos expoentes da música erudita produzida na capital.

Nascido no Rio de Janeiro em 1942, mas brasileiro de coração, o maestro é a mente por trás do recente e polêmico *Auto do pesadelo* de Dom Bosco, ópera de rua com libreto devastador sobre os episódios mais recentes da história de Brasília. De quebra, ainda que não

intencionalmente, o episódio tangencioso refraga acerca do *modus operandi* por trás da condução da respetível Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional Claudio Santoro. Pura provocação.

Autor de mais de duas centenas de composições, entre música sinfônica, corais, óperas de todos os tamanhos, música de câmara e música eletroacústica, Antunes é saudado como o "precursor da música eletrônica" no Brasil, epíteto que conserva desde suas primeiras experimentações com ruídos eletrônicos e fitas magnéticas, isso

nos anos 60 do século passado.

O Departamento de Música da Universidade de Brasília deve um tanto de sua história ao maestro. Aqui chegado, depois de exílio causado pelo recrutamento do regime militar, Antunes aglutinou sob a sigla GeMunB (Grupo de Experimentação Musical da Universidade de Brasília) nomes-chave da música erudita brasileira. Em certa fase, passaram pelo GeMunB, entre outros, Odette Ernest Dias (flauta), Bohumil Med (trompa), a esposa Mariuga Lisboa Antunes (piano) e a professora de dança Norma Lília.

O currículo do maestro inclui estudos de pós-graduação e doutorado em Buenos Aires, Utrecht e Paris, daí o respeito internacional e a reverência com que sua obra é tratada, sobretudo no exterior. O maestro foi condecorado pelo governo francês com o título de *Chevalier des Arts et des Lettres* e ostenta um currículo artístico de peso, mas também faz questão de externar seu pensamento político, que inclui intensa militância cultural no DF.

Uma dessas intervenções entrou para a história: a *Sinfonia das bucinas*. Em 1984, no rastro da campanha das Diretas Já, e naquele clamor por democracia, Antunes regeu conjunto composto por orquestra e 350 automóveis, num buzinaço que ecoa para sempre na Esplanada dos Ministérios.



**Bepini**

A casa premiada é um misto de padaria, delicatessen, confeitaria e restaurante. O restaurante serve risotos, massas e carnes. Destaque para o café gourmet, único torrado na própria loja, para as pizzas especiais e os buffets servidos na varanda. 113 Sul (3345.0777) / CC: Todos





## Vladimir Carvalho

POR SÉRGIO MORICONI

Ainda que todos os trabalhos de seu período inicial, incluindo a obra-prima *O país de São Saruê*, ligue seu nome ao Nordeste, particularmente à Paraíba, seu Estado natal, é difícil deixar de reconhecer que Vladimir Carvalho tem seu nome indelevelmente ligado à cidade, onde vive há mais de 40 anos, e ao cinema de Brasília.

Por vários motivos, quer se queira ou não, Vladimir é, digamos assim, o fundador do cinema candango. Foi ele quem reiniciou, em 1970, com *Vestibular 70*, nosso ciclo de produção, interrompido com o golpe militar e a consequente dissolução do curso de cinema da Universidade de Brasília. O curta faz um rito-x primoroso da deslocação futurista da capital na época.

Ao amargar um involuntário limbo como jornalista no Rio de Janeiro, devido ao risco que corria como realizador de *Saruê* e integrante da equipe de *Cabra marcado para morrer*, de Eduardo Coutinho, obras absolutamente incompatíveis com a ditadura, Vladimir aceitou um convite para ministrar um curso na UnB. O acaso fez com que permanecesse por aqui para sempre.

Animal político, nosso grande documentarista organizou a classe criando a seção local da Associação Brasileira de Documentaristas e aqui produziu *Conterráneos velhos de guerra*, *Barna 68* e *Brasília segundo Feldman*, grandes obras da "distopia" de Brasília, do sonho frustrado do Eldorado, das contradições de classe da cidade nova.

A ABD-DF lutou e conseguiu os primeiros equipamentos de filmagem e edição cinematográfica para a cidade, lançando o embrião do Polo de Cinema do Distrito Federal. Estavam criadas as condições mínimas para se produzir cinema nos cafandós do Centro-Oeste.

Tenz, Vladimir foi definido por Glauber Rocha como "o Rossellini do sertão, o Vertov das caatingas". As alusões ao italiano Roberto Rossellini, mestre do neorealismo italiano, e ao russo Dziga Vertov, mestre da escola documental da vanguarda russa dos anos 20, são dignas da sua grandeza.

Aos 75 anos, Vladimir filma agora o rock de Brasília. Para ele, o tempo – aludindo aqui ao significado do pseudônimo Dziga Vertov, cujo verdadeiro nome é Denis Kaufman – é uma "vertigem perpétua".

## Neusa França

POR MARIA TERESA FERNANDES

Brasília, é só chegar e olhar  
A imagem que encantou  
Niemeier e Lucio Costa  
É a Catedral a envolver  
Nossos corações com amor  
E, de surpresa em surpresa,  
Caminhamos...

(versos iniciais do Samba-exaltação  
aos 50 anos de Brasília)

“Uma noite, antes de dormir, fiquei pensando: puxa, eu moro em Brasília desde antes de sua fundação, fiz a música do hino oficial desta cidade e agora ela está completando 50 anos. Quero então fazer um samba-exaltação em sua homenagem. Bem sincopado, bem ritmado, bem brasileiro”.

É assim que Neusa França, a mestra de tantos pianistas brasilienses, explica como nasceu sua mais recente composição, o *Samba-exaltação aos 50 anos de Brasília*, que a cantora brasiliense Renata Jambeiro vai gravar com seu quarteto. Trata-se de uma declaração de amor à cidade em que Neusa chegou há cinco décadas para acompanhar seu marido, o procurador Oswaldo França de Almeida, e onde vive até hoje, sempre movida a música.

Ela integrou o grupo de 60 professores vindos de vários Estados para lecionar no Casbel, o primeiro colégio da nova cidade. Professora de música, Neusa tocou seu Hino a Brasília, que ainda nem era oficial, na inauguração da escola, em 16 de maio de 1960, na presença do presidente



Juscelino Kubitschek. Com letra do poeta Geir Campos, o hino foi cantado por alunos da escola junto com o do Casbel, também de sua autoria. Oficializado em 19 de julho de 1961, só em 1986, entretanto, o Hino de Brasília foi gravado pela Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional de Brasília, regida por seu fundador, o maestro Cláudio Santoro.

Era em sua casa, nos idos de 1962, e também na da flautista Odette Ernest Dias, que aconteciam as primeiras reuniões do Clube do Choro, na época ainda sem sede. Jacob do Bandolim e Pernambuco do Pandeiro faziam parte do grupo, lembra a mestra, e esses encontros acabavam se transformando em

animados saraus. O marido registrava tudo em um antigo gravador de rolo, cujas fitas até hoje Neusa conserva com muito carinho em seu acervo pessoal.

Todos os anos, desde 1965, a mestra apresenta o *Vamos ouvir música!*, um festival que já faz parte do calendário cultural de Brasília e serve para estimular carreiras promissoras de seus alunos pianistas, alguns atuando fora do país. Prestes a completar 90 anos, idade que não aparenta e muito menos esconde, Neusa França reconhece que a fonte de sua energia é o contato permanente com a música e os alunos. “Esse convívio com tantos talentos me rejuvenesce”, costuma dizer.

Benedita juventude, mestra!

OS MESTRES

# Hugo Rodas

POR HEITOR MENEZES

Certa vez, foi lançada a pergunta: "Existe um teatro brasileiro?" Não, não era sobre o teatro, o espaço físico em si, a casa de espetáculos, mas sobre o fazer teatral no quadrilátero conhecido como Distrito Federal. A questão era acadêmica, pois, em que pese termos uma relativa movimentação semanal nos palcos da cidade, e ainda que tenhamos estrelas que enchem a casa, como a Cia. Teatral Os Melhores do Mundo, o ponto de interesse era identificar o tal "fazer teatral" endôgeno, brasileiro.

Questão ainda não resolvida, o desenrolar dessas discussões tinha (e ainda tem) a agulha da bússola insistentemente apontando para Hugo Rodas. O norte do teatro brasileiro

tem estado por perto desde 1975, quando esse uruguaio de Juan Lacaze (às margens do Rio da Prata), ator, diretor, dramaturgo, figurinista, coreógrafo, músico e professor de teatro decidiu que Brasília era o lugar para estar e viver.

Lá se vão 35 anos de dedicação aos tabladões da cidade e outros mais de vivência artística e pessoal permeadas por paixão e irreverência em escala richter. Em Brasília, uma vida inteira de amor à arte cênica e de devotada luta à formação de atores.

Sempre na linha ténue entre a experiência e a performance visceral, de desconcertar o público, como provam dezenas de montagens de memoráveis lembranças, como a laureada *Donotica*

(Prêmio Shell de direção), *Senhora dos afogados* e *O olho da fechadura* (textos de Nelson Rodrigues), "O inspetor

geral (Niccolai Gogol), *Os saltimbancos*" (Sergio Bardiotti e Luis Enriquez Bacalov, adaptado por de Chico Buarque) e *A casa de Bernarda Alba*" (García Lorca).

Perguntado porque veio para Brasília, do alto de seu "portunhol", ou melhor, de seu "espannaguês", Hugo Rodas disse, certa ocasião, que "encontrar Brasília foi como encontrar o sol". Só mesmo o olhar estrangeiro, aqui aportando em plena diadura, para perceber que a luminosidade que banha a cidade e os ideais de urbe assinados por Lucio Costa e Oscar Niemeyer (a arte por toda a parte) são combustíveis sagrados para a criação artística.

Em outra ocasião, aqui nesta *Roteiro*, em depoimento à jornalista Angélica Torres, comentando sobre os fatos e títulos que coleciona, Rodas lembrou, ao seu estilo, que lhe foi concedido o título de cidadão honorário de Brasília: "É inacreditável! Um maluco como eu! Não ganhei o título porque me portei bem, mas porque me portei, simplesmente". Aplausos em cena aberta. Desce a rodanda.

Essa cidade merece uma rodada!  
E para comemorar,  
chopp em dobro nesta semana\*

\*promoção válida até dia 25/04



Reúna os seus amigos e venha comemorar o aniversário da Capital no Bar Brahma Brasília, que é pura animação, e ainda apreciar uma das delícias trazidas por Olivier Anquier, homenageando com pratos regionais alguns destinos brasileiros.

Todo dia uma atração especial

<b>Sexta</b>	16/4	19h	Som S/A
<b>Sábado</b>	17/4	14h	Kris Maciel
		19h	Debora Vasconcelos
<b>Segunda</b>	19/4	19h	Marcondes Vieira
<b>Terça</b>	20/4	19h30	Originais do Samba
<b>Quarta</b>	21/4	19h	Carolina Soares (samba de raiz)
<b>Quinta</b>	22/4	19h	Sarrnhá
<b>Sexta</b>	23/4	19h	Som S/A e Renato Mattos
<b>Sábado</b>	24/4	14h	Dona Duda Ribeiro
		19h	Born Partido (Embaixador do samba paulista)

Programação sujeita a alterações

DIA	PEÇA O PRATO	E GANHE VINHO
<b>Segunda</b>	Virado à Paulista	Syrrah
<b>Terça</b>	Arroz com Frutos do Mar e da Terra	Chardonnay
<b>Quarta</b>	Xico Angu - Prato do JK	Cabernet Sauvignon
<b>Quinta</b>	Barreado do Paraná	Merlot
<b>Sexta</b>	Picadinho Carioca	Malbec
<b>Sábado</b>	Feijoada Brasileira	Carmenere



61 3224-9313 - 201 Sul  
WWW.BARBRAHMA.COM.BR

APRECIAR COM MODERAÇÃO  
VENDA E CONSUMO PROIBIDOS  
PARA MENORES DE 18 ANOS





# Renato Russo

POR HEITOR MENEZES

“**M**as esse cara canta igualzinho ao Jerry Adriani”. Todo mundo está careca de saber, mas esse era um dos comentários que se ouviam quando a Legião Urbana despontou para o grande público e Renato Russo começou a ser notado além da média do então novo rock brasileiro. Lá se vai um quarto de século daquele tempo e Renato Russo ficou na lembrança da cidade por tudo o que fez e aconteceu.

Falando nessa matéria volátil que nos escapa chamada tempo, sabe-se lá como será o futuro. Pode ser que lá na frente Renato Russo, o rock de Brasília e aquela época nada mais signifiquem e as pessoas já estarão em outra, com novos personagens para ocupar o imaginário das gerações. Tudo bem, “tempo o nosso próprio tempo”, não era isso que o Renato cantava na imortal *Tempo perdido*?

Então chegamos na chave do problema. O que Renato Russo, Dado Villa-Lobos, Marcelo Bonfá e o injustamente esquecido Negrete (numa certa época) fizeram tem todos os requisitos da imortalidade. Nunca antes neste país o rock foi tocado daquele jeito, com aquela carga única de emoção, mensagem e poesia. Foi um dos melhores retratos daquele tempo, daquele sonho de um país melhor, sem os desaparecidos, aquela lamacal socioeconômica e os malditos fanfados mandando a gente comer capim; o sonho de democracia tornada real, enfim. Olha que isso já nos foi muito caro.

Engraçado é que, se aqui ainda estivesse, Renato Russo teria 50 anos



MARCUS COMAR

e talvez estivesse bastante parecido com o Morrissey, aquele dos Smiths. Estaria maduro, certamente com a poesia ferina em dia, metralhando a mediocridade e a falta de escrúpulos, doenças seculares *made in Brazil*.

Ou não, como dizia o Caetano. Renato Russo estaria preocupado com outras coisas, porque esse tal de roquerrol é de uma crueldade sem

tamanho. O U2 e os Rolling Stones são o McDonalds do rock'n'roll. A gente faz de conta que não percebe. Resposta rápido, qual roqueiro brasileiro, passados mais de 25 anos, continua relevante, atual e imprescindível para os nossos dias? Faut! Renato? Caramba, nossos heróis foram embora. Ainda hoje estamos perplexos.

# Liga Tripa

POR VICENTE SA

**E**les não estão de volta porque nunca saíram. Sempre se mantiveram por aqui, cantando o vi lá e di lá da cidade, seus monumentos, sua meninas, seus perigos. São únicos, pois nasceram cantando à toa pelos bares, ruas e gramados da cidade. E nestas três décadas de exibições nos locais mais inesperados, eles mantêm um público fiel que vai seguindo atrás e cantando tolas as suas músicas, que sabem na ponta da língua. Parafraseando Caetano Veloso, “atrás do Liga Tripa só não vai quem já morreu”.

Enquanto Brasília faz 50, eles fazem 31. Surgiram em 1979, época da chamada abertura política lenta e gradual, em que o Brasil viveu entre os estereótipos da ditadura e o início do Estado de Direito. “Nos estávamos começando um grupo musical — eu, o Ita Catapreta e a Lu Blue — e não tínhamos onde ensaiar. Ai, resolvemos ensaiar na rua mesmo, próximo ao prédio

onde eu morava. E notamos que as pessoas ficavam nas janelas nos assistindo e incentivando. Depois, passamos a tocar no Beirute e a recepção foi calorosa. Assim, descobrimos que o grande lance não era ensinar para tocar em teatros fechados para pequenos públicos, e sim na rua, para tolos”, explica Aldo Justo, um dos fundadores do grupo.

O Liga cantava composições próprias e de outros músicos e poetas da cidade. Com isso, criou um grande público que, entre assustado e fascinado, esperava, nos bares, as invasões musicais do trio. As músicas falavam da difícil travessia do Eixo Sul, do Lago Paranoá, da Torre de TV, do cotidiano da cidade. Isso aumentava a empatia com o público. Entre seus fãs mais famosos estão Cassia Eller e Renato Russo — este último, segundo dizem os que o conheceram de perto, sempre tocava uma música do Liga Tripa no camarim, antes de entrar em cena.

O Liga Tripa tem dois discos gravados e já se apresentou em diversos Estados. Seus shows se caracterizam pela música dinâmica, com uma batida que é só sua e as “ligadas”, que é quando o grupo deixa o palco e sai a cantar e dançar no meio da plateia. Sua influência é visível no trabalho de novas bandas brasileiras, nos grupos de teatro e, principalmente, numa geração inteira que se criou sendo levada pelos pais atrás do grupo. “É emocionante ver as moças acompanhando a gente, cantando nossas músicas, e lembrar delas quando, ainda pequeninas, eram carregadas nos ombros dos pais”, afirma o flautista Toninho Alves.

Assim, eles sempre estão por aí, surgindo subitamente, cantando a cidade e exibindo a eterna vitalidade desses “meninos” que têm, em média, 50 anos de idade e formam, no dizer do poeta Nicolas Behr, “o primeiro grupo folclórico de Brasília.”



GUSTAVO DAVANZO



# Hamilton de Holanda

POR ALEXANDRE MARINO

No Natal de 1981, Hamilton de Holanda Vasconcelos deu ao neto de cinco anos um presente especial: um bandolim. Ele ainda não sabia, mas retribuía assim, com sobras, a homenagem que recebera dos pais do garoto, ao batizá-lo com seu nome. O bandolim foi o objeto mágico que conduziu Hamilton de Holanda Vasconcelos Neto ao posto de um dos maiores instrumentistas do Brasil. Aos 34 anos, ele já despertou a atenção dos meios musicais da Europa e dos Estados Unidos.

Nascido no Rio de Janeiro, veio para Brasília com um ano de idade. Seu pai, José Américo, era oficial da Marinha e músico amador. Naquele ano de 1977 tornava-se realidade o Clube do Choro de Brasília, que, nascido nas reuniões

de músicos funcionários públicos, ganhava do governo do Distrito Federal sua sede própria.

José Américo transmitiu aos filhos a paixão pelo choro. Fernando César, cinco anos mais velho que Hamilton, especializou-se no violão de sete cordas e tornou-se um dos músicos mais requisitados da cidade. Os dois irmãos formaram, a partir de 1982, o grupo Dois de Ouro, acompanhados pelo pai e por Pernambuco do Pandeiro, outro artista lendário de Brasília.

Aos três anos, Hamilton já se apresentava no Clube do Choro, tocando escaleta, seu primeiro instrumento, acompanhado por Fernando César ao cavaquinho e pelo pai ao violão. Mas foi o bandolim que fez a diferença. Quem o vê tocar tem a sensação de que o instrumento não é um objeto à parte, mas compõe com

o corpo do músico um todo indivisível, tal a afinidade e integração entre um e outro.

Hamilton e Fernando César já na infância estudavam música sem parar. Os ensaios eram contínuos. Aos domingos, não se ligava a TV no apartamento onde moravam, na 102 Sul. Depois de aprender a tocar *Flor amansa*, de Joaquim Calado, primeira música que interpretou no bandolim, Hamilton entrou na Escola de Música de Brasília e começou a estudar violino, instrumento que tem a mesma afinação do bandolim. Nessa época, estudou também violão, com o professor Everaldo Pinheiro. Brasília não tinha um professor de bandolim, mas Hamilton aplicava no instrumento os conhecimentos que adquiria.

As apresentações em público eram constantes. Em 1983, aos seis

anos, Hamilton participou de uma homenagem a Waldir Azevedo na Sala Villa-Lobos do Teatro Nacional. No mesmo ano, tocou ao lado de Fernando César no programa Fantástico, da Rede Globo. A Sala Funarte abriu as portas aos irmãos, que a imprensa já anunciava como dois pequenos gênios.

Para José Américo, não havia prazer maior do que tocar violão acompanhado dos dois filhos. Desde cedo os estimulava a aprender música, como um professor dedicado. Sabia que não podia reprimir-lhes o talento. Mas, quando veio a adolescência, os meninos ficaram divididos. Fernando César chegou a colocar o violino em segundo plano por um tempo, estudando contabilidade e depois trabalhando por alguns anos no banco HSBC. Hamilton começou a seguir o mesmo caminho, mas depois de um ano e meio de estudos, quando era comum abandonar as aulas para beber cerveja e participar de rodas de choro, tomou a decisão de fazer o vestibular para música na Universidade de Brasília.

Em 2000, com muitos prêmios no currículo, propôs ao luthier Vergílio Lima a criação de um bandolim de dez cordas, duas a mais do que o tradicional. Ele acreditava que obteria assim uma nova sonoridade, como se fizesse seu próprio acompanhamento. A partir de então, esse passou a ser seu instrumento oficial, e ele aperfeiçoou a forma de tocar durante o período em que viveu na França, entre 2002 e 2003, graças ao prêmio Icau-Hartford de Artes de melhor instrumentista do Brasil. Ele recebeu uma bolsa e uma hospedagem na Cité International des Arts, em Paris.

Com 16 CDs gravados, dois deles na Europa e nos Estados Unidos, ainda não lançados no Brasil, Hamilton de Holanda é um artista internacional, com uma agenda cada vez mais voltada para o exterior. Sua arte transcende os estilos musicais, adquirindo, ao mesmo tempo, uma identidade própria. Um caldeirão cultural que tem tudo a ver com Brasília.

# Carlos Elias

POR VICENTE SÁ

Ele se chama Carlos e, como o outro, é de Minas. É também tímido e sensível o bastante para conseguir ouvir a voz dos anjos que parecem gostar de fazer seus filhos naquelas terras. A mensagem pouco mudou: vai. Carlos Elias, ser um sambista na vida. O caminho percorrido pelo menino de Laranjal, até chegar a esse senhor sambista de 76 anos que canta e encanta nas rodas de samba e shows em Brasília, tem métrica, rima e muito balanço. Uma página musical de dar gosto.

Nos idos de 1940, sua família se mudou da Zona da Mata mineira para o Rio de Janeiro. Seu João, pai de Carlos e de suas duas irmãs, buscava, como tantos brasileiros, melhores condições de vida na cidade grande.

No Rio, puderam ver a vida de cima, lá do alto do Morro do Pinto.

Sua vida se dividia entre estudo, trabalho, sambas e bambas como Monarco, Ze Keti e Jair do Cavaco. Compoendo suas músicas, acabaria por fazer parte da ala de compositores da Portela, onde também exerceu a função de relações públicas por muitos anos.

Já trabalhando no Itamaraty, foi transferido para Brasília em 1975 e se apaixonou pela cidade desde o primeiro momento. Aqui, fundou o Clube do Samba, no Galpãozinho, cujo show de abertura teve duas atrações especiais: o violonista Rafael Rabelo e sua irmã, Luciana, que estavam de passagem pela cidade. Sem apoio oficial, o projeto resistiu por apenas dois anos.

Morre um, nasce outro, diz o samba. Assim surgiu a Feira de Música de Brasília, um projeto aberto a todo tipo de música e com entrada franca. A ideia encantou músicos, imprensa e agitadores culturais da cidade, fazendo sucesso principalmente entre jovens criadores. Certo dia, Carlos Elias foi transferido para a França pelo Itamaraty e teve que abandonar o projeto. Quando voltou, cinco anos depois, até o teatro tinha fechado.

Hoje, o compositor está enraizado em Brasília. É respeitado por músicos da nova e da velha geração. Com dezenas de músicas gravadas, algumas cantando a capital da República, seu prazer é manter a linha diplomática nas diversas rodas de samba de que participa. Apreciador de um bom vinho e de muita água de coco, sua receita de longevidade, Carlos Elias se diz um homem não realizado, mas feliz. E parece ser mesmo. Afinal, de um jeito ou de outro, ele vem, há muito tempo, caminhando sob as ordens de um anjo.



Edmarcio Oliveira





## Renato Matos

POR VICENTE SÁ

O Concerto Cabeças foi um movimento artístico criado em torno da galeria do mesmo nome que finalizou o molde da arte candanga pelos idos de 1977. Lá se reuniam escritores, poetas, artistas plásticos e músicos para fazer arte e trocar ideias. Foi lá que se viu e ouviu pela primeira vez Renato Matos. Esse menestrel do reggae abriu uma porta da musicalidade e do ritmo que os artistas e o público brasileiro esperavam conhecer. De lá pra cá, o chamego da cidade com esse baiano só aumentou.

No seu sotaque carregado, Renato foi o primeiro músico a conseguir romper a barreira dos grupos e se tornar uma unanimidade não só no

Plano Piloto como também nas outras cidades do Distrito Federal. Quando se passou a escutar pelas esquinas e bares da cidade *Um telefone é muito pouco, Baito blue, Guard I e II via Eixo ou Bico da Torre*, soubemos que havia surgido um músico que cantava as sunleizes da alma brasiliense.

Músico, pintor, escultor, ator e poeta, Renato vestiu-se de brasiliense para provar que era possível ser artista em sua própria terra. Assim, sem nunca abandonar a cidade que o adotou e foi adotada por ele, teve músicas gravadas por cantores do eixo Rio-São Paulo e fez diversas viagens à França, Estados Unidos, Líbia e Suíça, sempre mostrando um trabalho que canta o cerrado e Brasília. Aqui gravou

seus muitos discos e se tornou um símbolo da luta do artista para viver de seu ofício.

Admirado pelos músicos mais antigos, cultuado pelos mais novos, Renato já se apresentou com a Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional e recebeu a comenda da Ordem do Mérito Cultural do Distrito Federal. Também participou com ator convidado dos filmes *Laoco por cinema* e *O ceço que gritava luz*.

Com seu talento sempre em ebulição, Renato continua compondo com vários outros músicos e poetas da cidade, pintando e expondo seus trabalhos, fazendo shows, deixando cada vez mais sua marca em Brasília. Axé, Renato!



### Gordeixo

Ambiente agradável, comida boa e área de lazer para as crianças fazem o sucesso da casa desde 1987. No almoço, além das pizzas, o buffet de massas preparadas na hora, onde o cliente escolhe os molhos e ingredientes para compor seu prato.

306 Norte (3273.8525) CC: V, M e D



# EDIÇÃO ESPECIAL DIA DAS MÃES

Vem aí mais uma excelente oportunidade para fazer sua mensagem publicitária chegar ao público consumidor de maior poder aquisitivo desta cidade cinquentona - os moradores do Plano Piloto, Sudoeste, Octogonal, Cruzeiro, Park Way e Lagos Norte e Sul, onde residem mais de 90% dos 30.000 leitores regulares da Roteiro.

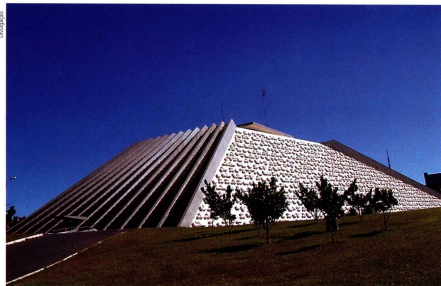
Autorização: 26/04/2010 Material: 27/04/2010  
Circulação: maio 2010 Data de capa: 30/04/2010

Para anunciar, ligue 3964.0207

**ROTEIRO**  
COMIDA, DIVERSÃO E ARTE

# Teatro Nacional

POR VICENTE SÁ



Muito mais do que uma casa de espetáculos, o Teatro Nacional Cláudio Santoro é, na verdade, um conjunto arquitetônico – concebido pelo mestre Oscar Niemeyer com a ajuda do pintor e técnico de teatro Aldo Calvo – dedicado inteiramente às artes.

Projeto criado na solidão do Planalto Central em pleno Carnaval, é uma obra que se destaca entre os grandes monumentos da capital da República. Com a forma de uma pirâmide sem ápice, influenciada da arquitetura asteca, é um complexo

composto de três salas de espetáculos, mas bem poderia ser reconhecido como uma imensa galeria de arte, dada a quantidade de obras que abriga.

Ao norte e ao sul do prédio, na parte externa, estão posicionados os instigantes cultos brancos de Athos Bulcão, sua maior e mais monumental obra de intervenção urbana. Na parte interna temos os jardins de Burtle Marx e as esculturas O contorcionista, de Alfredo Ceschiatti, e O pássaro, de Marianne Peretti.

O Teatro Nacional começou a ser construído em 1960 e sua estrutura já

estava pronta e entregue no primeiro mês de 1961. Antes de se tornar um efetivo espaço cultural, abrigou torneios de basquete, bailes de carnaval, missa do galo e até concurso de miss.

Somente em 1981, no entanto, ele foi entregue à população totalmente finalizado, inclusive com o tratamento acústico necessário, feito pelo russo Igor Sresnewsk. Em suas três salas – Villa-Lobos, Martins Penna e Alberto Nepomuceno – o Teatro Nacional já foi palco de grandes montagens, como *Coridiana*, com Paulo Autran e Grande Otelo, e *Macunaimá*, de José Celso Martinez.

Também recebeu – e continua recebendo – poetas e escritores para lançamentos de livros. Além disso, promove encontros culturais no seu mezanino e no foyer. Isso sem falar nas apresentações da Orquestra do Teatro Nacional, batizada com o nome do grande maestro brasileiro Cláudio Santoro. Como se não bastasse, é um dos mais belos pontos de referência para os brasilienses, que se sentem muito mais em casa no vertiginosa beleza deitada tranquila ao lado da Rodoviária.



# CCBB

POR ANA CRISTINA VILELA

Centro Cultural do Banco do Brasil, Brasília, sábado, 19 horas. A fila na bilheteria aumenta. São pessoas à espera de desistências. Querem assistir ao espetáculo da noite e os ingressos acabaram. A cena é cada vez mais comum. Isso porque, além da qualidade das apresentações, o CCBB oferece preços acessíveis. Coisa antes rara na cidade. Até que, em um dia do ano 2000, a quarentona Brasília ganhou de presente um espaço que transformou a história da cultura local. Se antes sobravam reclamações quanto à falta do que fazer na cidade, à carência de boas exposições e aos preços dos ingressos para shows e peças teatrais, agora faltam cadeiras no CCBB, sempre cheio, com filas de espera.

Foram, até agora, quase 5 milhões de visitantes – 902.896 somente em 2009 – que desfrutaram de 90 exposições, 238 peças teatrais e 249 espetáculos musicais. A exposição mais visitada até hoje foi *Aleijadinho*, com o recorde de

público de 165.839 pessoas. Destaque também para *Antes, a história da pré-história, Arte da África e América*.

Tudo bem, o CCBB fica um pouco longe, no Setor de Clubes Sul, em um prédio criado por Oscar Niemeyer em 1993 para abrigar o Centro de Treinamento de Pessoal do Banco do Brasil. Mas ninguém pode alegar isso como desculpa para não ir, pois é oferecido transporte gratuito de terça a domingo, das 9 às 21h, ou até o final do último espetáculo. Espanhada dos Ministérios, Teatro Nacional, setores hotéis Sul e Norte, Setor Bancário Sul, Biblioteca Nacional e UnB estão no trajeto do ônibus. Em 2009, cerca de 20 mil pessoas utilizaram o serviço.

Levando a sério a máxima de que arte educa para um futuro melhor, o programa educativo do CCBB, com visitas guiadas para estudantes, já recebeu mais de 600 mil alunos de escolas públicas e particulares de todo o DF. Há limite diário de ônibus, mas o serviço é gratuito. Basta ligar e agendar.

Quem lucra com tudo isso não é apenas a população, mas também a arte local. Diversos grupos e espetáculos já saíram de Brasília e ganharam um país por intermédio do CCBB. Um dos exemplos é a peça *Fragmentos e sonhos do menino lua*, sob a direção de Miriam Virra, que estreou na cidade em 2007, depois seguiu para Belo Horizonte e Goiânia e agora está no Rio de Janeiro.

É, claro, nada melhor do que chegar mais cedo, dar uma olhada nos livros da Livraria Dom Quixote, tomar um chope, um vinho ou um clássico cafezinho no Bistrô Bom Demais e dar uma passeada pela exposição permanente *Casulo*, do artista mineiro Dyrjan Rost, instalada em 2003 ao lado do bistrô. Não está a fim de exposição, nem de música, café, vinho, jantar? Tudo bem. Pode assistir a uma sessão de cinema, porque o CCBB é assim: democrático, apresenta arte diversificada e atende a um público ainda mais diverso.



# Caixa Cultural

POR LÚCIA LEÃO



Criada em 1980, a Caixa Cultural de Brasília foi a primeira – só depois vieram as de São Paulo, Rio de Janeiro, Curitiba e Salvador. Mas, tal qual a conhecemos hoje, ela tem menos de uma década, tempo suficiente para o complexo de salas de exposição, teatro e espaços para eventos se firmar como referência e abrigar alguns dos mais importantes acontecimentos nas áreas de música, teatro, artes plásticas e literatura vistos, nestes milênios, na cidade.

Depois de passar durante os primeiros 20 anos de vida, quando manevra uma programação de poucos expoentes, sem dizer de fato a que vinha, o antigo Centro Cultural da Caixa passou, na virada do século, por uma grande reforma e ganhou novos espaços e equipamentos que não devem nada aos melhores do país.

Ocupando agora todo o prédio anexo à sede da Caixa Econômica Federal, no Setor Bancário Sul, é composto por cinco galerias, o Teatro da Caixa, o projeto didático *Gente arteira*, a mostra permanente do acervo artístico e histórico da Caixa, o Jardim das Esculturas, o Atrio dos Vitrais, a livreria e o Café Cultural, também transformado, nas *happy hours*, em palco para artistas da cidade.

A Galeria Principal, de 520 m<sup>2</sup>, conta com sistemas de climatização, iluminação e segurança que atendem aos mais exigentes padrões internacionais. Não à toa, é um dos espaços de exposição mais disputados desde que foi inaugurado, em 2001, com a exposição de Ewald Munch, e já exibiu obras de artistas como Miro, Eckhout, Kertész, Pivittinari, Brechert, Weissmann e Pierre Verger.

O teatro, tipo italiano, tem 409

cadeiras fixas, mas pode receber até 500 pessoas, o que não é incomum especialmente nas temporadas populares de grandes estradas da música brasileira patrocinadas pela Caixa. Inaugurado em 1980, passou também por ampla reforma, que contemplou ampliação do palco, plateia e camarins, além da modernização dos equipamentos de som e iluminação cênica, e foi reinaugurado em 2002.

Mas foi no *foyer*, nas escadarias e nas galerias secundárias que aconteceu o evento mais emocionante da história recente da Caixa Cultural: a exposição-performance *Viva Espiralido da Vida*, uma retrospectiva da alegre trupe de acrobatas que literalmente pautou o trânsito e alegrou a cidade na década de 1980, homenagem ao palhaço-jornalista-poeta Ary Pira-Raios, seu criador.



## Espaço Renato Russo

POR SÉRGIO MORICONI

De um modo geral, as pessoas costumam negligenciar a amplitude e o verdadeiro sentido das superquadras no plano original do urbanista Lucio Costa. Inspiradas no conceito dos *superblocks* ingleses do final da Segunda Grande Guerra, as superquadras deveriam ser centros de convivência completos, com escolas primárias, ginásios, parques infantis e comércio local. Um conjunto de quatro superquadras formaria uma "unidade de vizinhança", quadrilátero ainda maior que incluiria um clube social para lazer e esporte, uma igreja e escolas-parques para o ensino complementar de práticas artísticas e esportivas.

O golpe militar de 1964 iniciou um irreversível processo de mediação da cidade. A ideia das unidades de vizinhança apenas vingou no "quadrilátero histórico" das superquadras 108/308/109/309. Histórico por ter conseguido preservar e realizar na prática o plano original e por ter abrigado no início dos anos 60 – antes do golpe,

portanto – a Novacap, e logo em seguida a Fundação Cultural do DF, dirigida no período 1960/62 pelo, imaginem só, poeta Ferreira Gullar.

A localização da Fundação Cultural se revelaria estratégica. Nas suas imediações funcionavam os seminários colégios Caseb e Elefante Branco, a Escola Parque e, ao seu lado, na W3, em frente à Praça 21 de Abril, o Cine Cultura. Mais adiante, entre a 107 e a 108 Sul, o Cine Brasília. A cultura da nova cidade, em seus vários campos, nasceu ali. Os primeiros artistas brasileiros foram forjados nos centros de arte do colégio CIEM e do Pré-Universitário (coordenado por Luis Aderne), em sessões de cinema nos cines Brasília, Cultura e no cineclube da Escola Parque, palco também de peças de teatro e espetáculos de música.

O território em torno da 508 Sul se afirmou como um verdadeiro corredor cultural quando, em 1973, três galerias de arte foram abertas no prédio da Fundação e os vários galpões contíguos desocupados foram transformados, em 1975, já com o embaixador Wladimir

Murtinho à frente da Secretaria de Cultura, nos teatros Galpão e Galpãozinho. O prestígio de Murtinho serviu de para-raios à sanha repressora da ditadura militar.

Sob a gestão de Murtinho, a cultura de Brasília cresceu e floresceu a partir de nichos fundamentais de formação: o Centro de Criançadinho, aberto em 1977, os teatros Galpão e Galpãozinho, espaços que viram nascer o Clube do Samba, de Carlos Elias, e a Feira de Música (incluindo o Jogo de Cena), de Néio Lúcio, que marchava a atrair multidões para a W-2 Sul. Chegava e contra-marchas do destino fizeram esses espaços desaparecerem e renascerem das cinzas.

Rebatizado de Espaço Cultural Renato Russo em homenagem ao líder da Legião Urbana, que ali realizou alguns de seus primeiros shows, este Fênix aberto em 1993 sob a batuta guerrilheira de Tetê Catão, hoje dirigido pelo fotógrafo Rui Faquini, remanescente do Centro de Criançadinho, é uma indicação de que algo naquela região ainda pulsa.

# Casa Thomas Jefferson

POR ANA CRISTINA VILELA



Não nasci nem cresci em Brasília. Quando cheguei, a cidade já tinha 37 anos. Mas fico imaginando sempre como era viver aqui logo depois de seu nascimento, principalmente se vejo fotos de ruas sem asfalto, de prédios em construção, e ouço histórias de uma época pioneirista. Cinema, teatro, música? Como era? A que cultura as pessoas tinham acesso? Realmente, não sei. Mas sei, agora, que foi somente três anos depois de a cidade ser inaugurada, em 1963, que se instalou no Setor Comercial Sul a Casa Thomas Jefferson. Sua missão: ensinar o idioma inglês e abrigar cultura da melhor qualidade. E assim, durante muitos anos, a Casa Thomas Jefferson foi um dos raros espaços culturais da nova capital da República.

Hoje, quando paramos em frente à matriz, na 706/906 Sul, e descemos

numa rua asfaltada e limpa, a realidade difere muito da encontrada 47 anos atrás, nos idos tempos da Brasília criança, envolta em poeira. O tempo seguiu seu curso e a escola solidificou seu status de espaço cultural. Em 1974, ano da transferência da matriz para o atual endereço, a escola ganhou a galeria de arte.

Nos anos 80, conta o assessor para relações com a comunidade, Luis Carlos Costa, foram feitas muitas sessões em cinema 16mm. Hoje, em plena era digital, as sessões escassearam, mas são realizadas mostras especiais sob a curadoria do jornalista e crítico de cinema Sérgio Moriconi. Mas o ponto forte são mesmo as exposições (uma a duas por mês), os concertos e os shows. Em 1987, foi iniciada a série *Sextas musicais*, que acontecem semanalmente, exceto nos feriados. As programações

seguem de março a junho e de agosto a novembro.

Assim, artes plásticas complementam a missão educacional da Casa Thomas Jefferson, que é apoiar e propagar a arte e a cultura: artistas locais, nacionais e do exterior apresentam-se nos shows, sempre com grande plateia. O público é variado. Depende do estilo, do gosto, desde que apurado, porque a música apresentada nesse espaço cultural tem sempre a "elegância e a qualidade da música de câmara", não importa se barroca, se MPB, se jazz.

Agora, em seu aniversário, Brasília pode assistir a shows de nomes que surgiram aqui mesmo, na cidade já cinquentenária, a começar pela apresentação *O choro em Brasília*, dia 23, com Beth e Jaime Ernest Dias, Evandro Barcellos, Alencar Soares e Francisca Aquino. Dia 30, será a vez do também brasileiro Boca do Mundo – Música Vocal, com o espetáculo *Romanceiro gitano*, peça em sete partes para coro misto e violão erudito, de Mario Castelnuovo-Tedesco, baseada em poema de Garcia Lorca.

Nas artes plásticas, uma homenagem aos artistas pioneiros, com a exposição *Arte em Sabeloria*, aberta até 30 de abril. Entre os 29 participantes, Glênio Biancheri, Marlene Gooloy e Adalina Alcântara (programação completa em [www.thomas.org.br](http://www.thomas.org.br)). Todos os eventos são abertos ao público, com entrada franca. E assim a Casa Thomas Jefferson prossegue em sua missão de oferecer cultura e arte à capital, que já produz, exporta e vive arte, espalhando ainda mais, e quem sabe para sempre, a velha poeira da segregação cultural.



# Concha Acústica

POR LÚCIA LEÃO

Uma das maiores estrelas do *showbiz* brasileiro espera a hora de voltar à cena. Nos projetos que descansam nas gavetas da Terracap, à espera de execução, ela está ainda mais linda e ornada. Com ajustes técnicos, será capaz de projetar mais longe os sons emitidos de suas entranhas, com a mesma força e limpidez que ofereceu a Elis Regina, a Roberto Carlos, à Orquestra Jovem da Bulgária, à Legião Urbana, à Plebe Rude, a Renato Matos e a tantos outros de dos mais variados matizes.

Sim, é ela, a Concha Acústica.

Primeiro teatro da cidade – foi inaugurada em 1969, antes do Teatro Nacional – e único espaço projetado especialmente para abrigar grandes espetáculos, a Concha Acústica, com seu palco de 50 metros de comprimento e seis de altura, mas também a arquiabancada com capacidade para acomodar 10 mil pessoas, foi "plotada" por Oscar Niemeyer à beira do Lago Paranoá, como se a paisagem também saísse da ponta do lápis do artista.

A beleza e a eficácia de todo o conjunto lhe garantiram papel de destaque na história da arte em Brasília. Mas não a livraram do descaço e do abandono. Com fachão aparente e descascada, paredes sujas e vazamentos, foi fechada em junho de 2007 não para uma simples reforma, mas para uma completa restauração e modernização de seus equipamentos. A mudança profunda ainda não aconteceu, mas com o pouco que foi feito a Concha Acústica já pôde receber, no mês passado, os amantes da *axe-music* para o *show-festa Vale Night*, comandado pela banda baiana Asa de Águia.

Por enquanto, tudo ainda está como estava no festival *Ponto do rock de 1998*, último evento realmente memorável da Concha Acústica. Mas, se tudo sair como planejado, ela vai ganhar uma imensa marquise – e, sob ela, um *foyer*, vários banheiros e quiosques para serviços de bar e restaurante. E ainda, nas proximidades, um pier, uma pista de cooper, um centro cultural, um polo gastronômico... É, Brasília tem a vocação do sonho. Um dia ele sai do papel!





# Clube do Choro

POR VICENTE SÁ

Brasília era conhecida à época de sua inauguração como "terra de índios", graças a um samba de Billy Blanco que era contra a mudança da capital e apregoava que aqui só moravam índios. Depois passou a ser conhecida como a terra dos barnabês – os servidores públicos – e, nos anos 90, como capital do rock. Mas, para os brasilienses, há muito tempo ela é a terra da música, ou melhor, do choro. E a prova maior disso é a história do Clube do Choro, uma história tão bonita quanto a música que lá é tocada.

Num antigo vestiário de subsolo localizado atrás da Torre de TV, um pequeno palco e uma centena de cadeiras formam o Clube do Choro.

Por ali passaram nos últimos 14 anos os maiores nomes da música instrumental brasileira. Os frequentadores assistem aos espetáculos tomando sua bebida predileta e mantendo aquela devoção silenciosa que só os apaixonados sabem encontrar.

Mas o clube começou mesmo, foi nas casas da flautista franco-brasileira Odette Ernest Dias e da pianista Neusa França. Nos



Foto: Renato Oliveira

anos 70, grandes instrumentistas e músicos da cidade passaram a se reunir para almorçar, ora na casa de uma, ora na de outra, e o prato principal era sempre o choro. Quando o ambiente doméstico já não comportava mais as platéias, eles passaram a se apresentar no Teatro da Escola Parque, sempre com casa lotada. Daí a registrarem o clube foi um pulo.

Os primeiros anos foram penosos, mas as coisas começaram a mudar a partir da eleição de Reco do Bandolim (na foto ao lado) para a presidência do clube. Ele emplacou projetos no Ministério da Cultura, conseguiu bons patrocinios e passou a produzir shows em homenagem aos grandes

nomes da música popular brasileira em temporadas que se estendem por todo o ano. Hoje, o Clube do Choro é referência nacional na música, com mais de 1.300 shows já realizados, que envolveram cerca de 700 artistas e foram assistidos por um público de aproximadamente 350 mil pessoas.

Paralelo aos shows, o Clube criou a Escola Brasileira de Choro Raphael Rabello, que hoje atende a mais de 450 estudantes. Um projeto do arquiteto Oscar Niemeyer para as duas sedes está em fase final de construção e deverá ser inaugurado em breve. Enquanto a nova sede não vem, nada melhor do que ir ao velho Clube do Choro e beber uma cerveja bem gelada ouvindo o mais brasileiro dos gêneros musicais.



## Bottarga Ristorante

Alta gastronomia em ambiente surpreendente. Restaurante exclusivo, integrado ao Espaço Maria Teresa. O menu, desenvolvido pelo chef Felipe Bronzo, é uma leitura contemporânea da culinária franco-brasileira. São carnes, massas, peixes, risotos, além do almôço executivo. Carta com mais de 340 pratos. Almoço: 2ª a 4ª: 12h às 15h; sábado e dom.: 12h30 às 16h / Jantar: 2ª a sábado, das 19h30 à 0h. Sábados 01 5 Cj, 9 B, D - Espaço Maria Teresa (3248.8124) CC, V e M



## Tacolino Mexican Fast Food

Verdadeiro fast food de cozinha mexicana! Tacos por R\$ 5,90, os tradicionais burritos, quesadillas e deliciosos como o Churrichanga e os Mochos Ninhos - cobertos de chili, cheddar, guacamole, sour cream, fatias de jalapeño e tomate em cubos. Novidades: churrus e as mira quesadillas doces - recheada com morango / banana ou queijo, banana, açúcar e cereais. Dom. a 4ª 12h à 0h. 5ª a sábado 12h às 0h. 455 Sul CC, V, R, VR, Sudeste

# Feitiço Mineiro

POR LÚCIA LEÃO

Poucos palcos de Brasília podem se gabar de uma memória tão farta e seleta – por pura coincidência, adjetivos que remetem à mesa das Geraís e à sua boa cachaça. Folhear os vinte anos de história do Feitiço Mineiro, para além do bem comer e do bem beber, é degustar o *crème de la crème* da música brasileira contemporânea.

Pense nos sambistas históricos que conseguiram emplacar o Século XXI: Nelson Sargento, Nei Lopes, Dona Ivone Lara, Elton Medeiros, Evaldo Gouveia, Noca da Portela, Walter Alfaiate... por aí vai. Estiveram lá. Seguindo na linha do tempo, Paulinho da Viola, Teresa Cristina e Dhi Ribeiro também. Agora extrapole o samba. Lembre-se do último show de Baden Powell, da genial performance de Macalé e Nani Vasconcelos, das inesquecíveis apresentações de Capinam ou de Francis Hime, figurinhas tão raras. E de Hamilton de Holanda, de Clodo, do Liga Tripa... E os mineiros, então? Milton Nascimento à frente, seguido por Wagner Tiso, Tavinho Moura, Nivaldo Ornelas, Beto Guedes e quem quer que apresentasse a carteirinha do Clube da Esquina.

Jorge Ferreira, o dono da casa, disse certa vez que foi a memória do Clube da Esquina, e de tudo que significou para a cultura brasileira, que o fez acreditar que um passe de mágica, ou um simples desleixo, poderia transformar seu acanhado restaurante numa casa de shows de referência para Brasília e o Brasil. E assim se fez.

O que se chama de palco do Feitiço passa pouco de um tablado que apenas tira os artistas do nível do chão. A aparelhagem de som vai e vem com as atrações e cada noite é uma emoção à parte. O camarim é um espaço improvisado entre a papelada do



Foto: W. V. V.



escritório. E daí? Nada disso nunca foi empecilho para se realizarem ali shows memoráveis, de quem quer que fosse. A pauta de espetáculos vive lotada e as melhores datas são sempre motivo de disputas. Não poucos foram os shows que precisaram de apresentações extras, mesmo com a casa dando o bom jeitinho e permitindo uma

lotação bem superior aos 80 lugares das mesas distribuídas pelo salão.

Assim foi com Pena Branca e Xavanhim, com Aloísio Brandão, com Zeca Bahia, com Tunai, com Papete, com Billy Blanco, com Fausto Nilo, com Silvinha Teles, com... ah, nem posso me lembrar! Se for falar tudo do Feitiço, hoje não vou terminar!

## OS PALCOS MUSICAIS

# Gate's Pub

POR HEITOR MENEZES

Noite alta, céu risonho, umas birritas na cabeça e uma passada no Gate's, o pub da 403 Sul, rende muito, em todos os sentidos da diversão. Ele iniciou suas atividades em 1978, sendo sempre norteadora de sua programação a alta qualidade musical. De terça a domingo, o Gate's anima as noites da Asa Sul e parece ser o destino certo depois de se esquentar as turbinas ao lado, no bar Piauí.

Basta dizer que no minúsculo palco do Gate's pisaram figuras do tipo Sérgio Sampaio, Arrigo Barnabé, Jards Macalé, Itamar Assumpção, Alberto Masciano, Andy Summers (guitarrista do Police), Zé da Gaita, Mano Negra, as bandas mais bacanas do nosso rock e muitos outros que ajudaram a arbrilhar a reputação do pub. Brasília agradece.

E é com o tripé rock-música instrumental-MPB que o Gate's vem

resistindo ao longo de mais de 30 anos. Também as noites sem atração musical ao vivo viraram tradição. O Dancin' Gate's, às terças e domingos, tem esse nome há séculos e já embalou muitos encontros e desencontros. Aliás, domingo à noite ele é uma das últimas chances de fechar com chave de ouro o fim de semana. Outra atração da casa, a *Quarta Vinil*, com DJ convidado, toca música a partir de discos de vinil mesmo e não de fontes escusas, como CDs, MP3s e afins.

O Gate's já teve até um forró da moléstia, verdadeiro zabolatim, em que era preciso se virar com a parceira num espaço 3x4. Hoje, porém, vem cedendo lugar a casas noturnas maiores. Uma pena, porque o calor do Gate's era mesmo infernal.

Atualmente, o Gate's é um dos melhores lugares para curtir o som

dos anos 80. As quintas-feiras são dedicadas ao tema, e é inscrita a quantidade de gente que frequenta a casa nesse dia. Novamente contribuem o som de boa qualidade, o arrefecimento, o espaço limitado e a frequência charmosa de descolados. Pub é assim. Caso contrário, vira churrascaria.



Foto: Divulgação



### Oca da Tribo

Saboroso e diversificado buffet com produtos orgânicos e carnes exóticas. No domingo, pratos especiais, como o bacalhau de natas e o arroz de pequi. Horário: de segunda a sexta, das 11:30 às 15h; sábados, domingos e feriados, das 12 às 16h.

SC4 Trecho 2 (3226.9880)  
CC: Toledo



### NATURETO

Aberto todas as dias  
(Gelado por carnes/vegetarianas)  
telefone: 321.6546/403 SUL

Almoço  
Buffet Vegetariano  
É Tradicional com  
churrasco

Restaurante Pizzeria / Churrasco



# Bar do Calaf

POR VICENTE SÁ

Quem conhece Brasília sabe como é. Quem não conhece, é só imaginar um centro financeiro-administrativo fora do horário de expediente. Assim é o Setor Bancário Sul, ou pelo menos era até que o Bar do Calaf resolvesse dar uma agitada no pedaço.

Empreendimento dedicado à culinária espanhola, nunca deixou de lado a sede eterna dos brasileiros por cerveja e acabou se tornando um oásis de alegria ao final dos expedientes no SBS. O sucesso se deve muito ao proprietário, Wenceslau Calaf, que tem a arte de bem servir no sangue, pois desde os sete anos ajudava os pais no pioneiro Wenceslau's, restaurante de sua família que funcionou em Brasília de 1962 a 1966

Assim que o bar se firmou como ponto de encontro, começaram as

rodas de samba e as noites de meio de semana adquiriram uma outra luz e uma outra cor. Abriu-se também um espaço para a MPB, que até hoje garante casa cheia. E já se vão muitos anos desde as primeiras feijoadas regadas a batidinha e muito samba aos sabados, cujas tardes parecem perder um bocadinho de sua dimensão, de tão rápido que o tempo passa. E o povo lá, cantando e bebendo até altas horas. Enquanto todo o resto do centro financeiro dorme, o Calaf transpira alegria e explode sambas de grandes mestres, no meio de gente bamba.

Para abrir um leque maior de ofertas ao público, o Calaf transformou sua noite de segunda-feira na Criolina, festa da música negra. É mais um dia da semana de casa lotada de brasileiros animados, com DJs quebrando o

silêncio com muito samba, jazz-funk, samba-rock, salsa, carimbó, hip hop, cumbia, samba-reggae, lambada, afrobeat, maracatu, afôxé e outras levadas regionais

Considerado "um pedacinho do Rio de Janeiro em Brasília" pela maioria de seus frequentadores, não é à toa que, como um bar de espírito carioca, foi considerado pela Ambev um dos melhores pontos de venda de cerveja do Brasil. Aliás, cerveja é uma paixão tão grande de Wenceslau Calaf que ele tem até uma com seu nome, sempre servida geladíssima.

Por tudo isso, e por ter dado vida a um setor tradicionalmente tão frio como o SBS, é que se diz que as noites de Brasília, principalmente as que pedem animação, têm que passar pelo Bar do Calaf, que fica no SBS - Setor Bancário de Samba.



### Peixe na Rede

A vedete do cardápio é a tilápia, servida de 30 maneiras. O frescor é garantido pela criteriosa criação em cativeiro na fazenda exclusiva do restaurante, a 100 Km de BSB. Há também pratos de camarão e bacalhau.

405 Sul (3242.1938)  
309 Norte (3340.6937)  
CC: Toledo



### Restaurante Bodeio

A tradicional moqueca capovaba leva o tempero mineiro no Restaurante Bodeio, com 19 anos de história em Belo Horizonte e 15 em São Paulo. Agora é a vez de Brasília conhecer o autêntico sabor da cozinha capivaba.

SCES - Trecho 4 - Lote 1B  
Academia de Tênis - Setor de Clubes Sul  
(3316.6666) CC: V e M



# Conjunto Nacional

POR LÚCIA LEAO

Quer ver Brasília de um novo ângulo? Suba de carro, a noite, bem devagar, a rampa que leva da Praça dos Três Poderes à Esplanada dos Ministérios. Num determinado ponto, a cidade descortina, de uma vez, toda a sua modernidade – e saltam aos olhos, entre as luzes, os neonas fascinantes do Conjunto Nacional. É um luxo!

É não pense que essa viagem é obra do acaso. Nada por aqui o é! Tudo é de caso pensado – este, especificamente, por Athos Bulcão, ele, mais uma vez! O enorme painél formado por logomarcas dispostas de maneira simétrica e equilibrada, uma colagem pop, é uma obra conceitual, feita para ser vista a quilômetros e traduzir à perfeição o espírito de um centro de compras, novidade absoluta naqueles idos de 1971.

Primeiro shopping de Brasília

e segundo do Brasil, o Conjunto Nacional foi inaugurado numa manhã de feira-convite, o que não tirou a pompa da solenidade nem impediu a presença de personalidades de primeiro quilate, como o recém-coronado Rei Pelé e o todo poderoso ministro da Fazenda Delfim Neto. As pessoas comuns também estavam bem representadas, curiosas sobre aquele lugar que ia oferecer de tudo sem ser uma feira e ter lojas elegantes sem ser a Avenida W3. O “Jumbo”, apelido que o marketing deu ao Plo de Açúcar, era uma das principais lojas-âncora do shopping, de próprio uma novidade em estilo de compra, já que ainda eram muito poucos e acanhados os mercados de auto-atendimento da cidade.

Em 40 anos surgiram perto de duas dezenas de shopping centers em vários cantos da cidade, de vários estilos e voltados para todas

as faixas de consumo. Em alguns momentos, o “Conjunto” – como é carinhosamente tratado pelos brasilienses – pareceu sucumbir aos novos conceitos de compras, lazer e serviços, às construções envidraçadas e outras novidades que são a própria mola do consumo. Mas, como de resto toda Brasília, o CNB nasceu tão à frente do seu tempo que resistiu a tudo.

Sem extrapolar a caixa retangular de concreto do projeto inicial, se reinventou em novos espaços e hoje tem 320 lojas de praticamente todos os segmentos e para todos os públicos. Mudaram as lojas e suas marcas, mas o painél de neon resiste, a encantar artistas como Wagner Hermuche, Eurico Rocha e Rômulo Andrade, entre outros de alma brasiliense a quem mais encantaram as luzes do que os monumentos da cidade.

# Feira da Torre

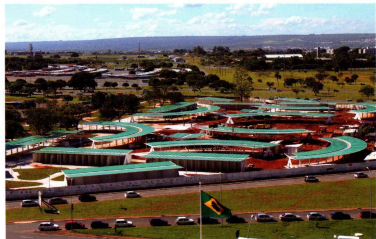
POR VICENTE SÁ

Quando a Torre de TV foi inaugurada, em março de 1967, ninguém imaginava que a seus pés se desenvolveria uma feira de artesanato que depois geraria uma irmã – também feia, mas de alimentação.

A antiga feira hippie, com mais de 300 bancas, é um verdadeiro paraíso de consumo, onde o visitante encontra lembranças, bijuterias, artesanato, roupas, obras de arte, móveis, de tudo um pouco. Os brasilienses também costumam dar uma passadinha lá nos finais de semana na busca de uma camiseta com poesia, um vestidinho mais trançado, uma bolsa artesanal... O certo é que a feira está sempre cheia e muitas famílias vivem exclusivamente do que produzem e comercializam ali.

A irmã – a feira de alimentação – com o tempo foi se tornando um pequeno Brasil encravado bem no centro de Brasília. Tanto os turistas de outros Estados ou de outros países podem conhecer um pouco do grande leque da culinária nacional, como também os candangos podem matar a saudade dos sabores da terra natal. Na feira podem ser encontradas verdadeiras preciosidades da culinária brasileira, principalmente do Norte, Nordeste e Centro-Oeste. O tambaqui na brasa, o pato no tucupi, o acarajé, a tapioca, a carne de sol e a maniçoba – um dos pratos da região Norte mais difíceis e demorados de preparar – são oferecidos aos visitantes na intenção de levá-los, através do sabor, de volta às suas origens.

Uma baiana de mais de 80 anos fritou no óleo fervente os acarajés que não ficam devendo nada aos vendidos em Salvador. Dona Evilásia garante que não precisa nem apregoar seu produto, pois tem clientela garantida de terça a domingo, quando a feira



O velho e o novo

está aberta ao público.

Para quem prefere menos exotismo e mais o tempero do Centro-Oeste, a barraca da Edna tem pamonha, batata frita, curau, canjica e milho cozido, tio apreciados no Goiás. Sua freguesia, conta, “é de gente daqui mesmo, que gosta de comida simples e de passear com os filhos na Torre”.

Os lanches rápidos também têm seu espaço na Feira da Torre: o caldo de cana com pastel, que há quem considere o prato típico de Brasília, os espetinhos e os cachorros quentes que parecem já fazer parte da culinária nacional. E para quem gosta de uma

comida trivial, a feira tem bancas que oferecem pratos feitos à base de carne de sol ou frango, tudo a preços tão populares quanto a clientela.

Outro bom motivo para ir até a Feira da Torre é a possibilidade do encontro com os conterrâneos. Algumas bancas são verdadeiras embaixadas estaduais que, mesmo com a transferência da feira para um novo local – entre a Torre de TV e a Funarte – continuariam funcionando e atendendo os candangos saudosos de uma palavra falada com sotaque ou de um cheirinho gostoso de comida de sua terra.



# Feira dos Importados

POR HEITOR MENEZES

Na nossa loucura, temos a "feira do Paraguai" como um dos símbolos da cidade. É verdade, não dá para negar. Todo mundo frequenta, ou já foi lá atrás de alguma tranqueira eletroeletrônica. Quando os amigos e parentes vêm a Brasília, a feira, lá nos confins do Setor de Indústria e Abastecimento (SIA) com a Ceasa, vira parada obrigatória.

Natal, Dia das Mães, dos Pais, das Crianças, seja qual for a efeméride, lá está a feira, com mais de dois mil estandes, aquela mistura de mercado persa com camelódromo, numa admirável bagunça organizada, oferecendo de comida a videogame de última geração. A mercadoria que vendem lá é de origem duvidosa? Grosso modo, sim, todo mundo sabe disso e manda às favas os escrupulos. Queremos comprar.

Vejam, comprar muamba é hábito secular, demasiadamente humano. Camêlo tem até na chique Oxford Street londrina. Os daqui viviam aporrinhando os pedestres do Plano Piloto, avalchavam a paisagem, atraíam trombadinhas e trombadões e tiveram que arrumar vários lugares para acomodar esse tipo de comércio.

Na segunda metade dos anos 1990, a feira era uma coisa medonha, nas cercanias do Estádio Mané Garrincha. Não dava mais para continuar ali.

Os camelôs temiam ter que vender a muamba nos cafundós do SIA. Achavam que ninguém iria querer ir até lá. Porém, o vil metal e os donos do contrabando deram as cartas certas. Num passe de mágica, surge aquela área de mais de 70 mil metros quadrados, outrora pertencente à Ceasa, que não para de crescer.

É esquisito, pois a PM, a Civil, a PF e a Receita Federal volta e meia baibam no pedaço, "aprendem" toneladas de mercadorias, um ou outro mascate, digo, permissionario, se dá mal, mas a feira continua lá, hoje com estrutura metálica coberta, resistente aos vendavais e cabas de Pandora.

Não seria demais afirmar que a Feira dos Importados é a síntese de nossa organização social. Nossa contradição materializada, pronta para satisfazer a insaciável necessidade de consumo. Melhor assim do que tropeçar em camêlo na plataforma da Rodoviária, não é mesmo?

# Feira do Guará

POR VICENTE SÁ

Para se conhecer uma cidade e seus habitantes, nada melhor do que visitar sua feira. E a do Guará tem, de fato, todo o jeito das pessoas de Brasília. Os novos nordestinos que chegam à capital da República estranham uma feira onde não se ouve gritos de feirantes anunciando seus produtos, poucas são as discussões e não há disputa por pontos. A feira do Guará é assim. Lá se ouve apenas o burburinho e a mistura doce dos diferentes sotaques brasileiros nas conversas entre clientes e vendedores.

Criada em 1969 para atender os desempregados que vendiam suas mercadorias em algumas barracas em frente à Benecap, uma associação beneficente dos funcionários da Novacap, nesses 31 anos a Feira Permanente do Guará se consolidou e tornou-se a mais conhecida e procurada da cidade. Em suas 526 barracas de comércio variado compra-se quase de tudo – roupas, verduras, legumes, peixes, carnes, calçados, comida, brinquedos, bijuterias.

Aberta de quinta a domingo, a feira recebe em média 30 mil pessoas por semana, inclusive chefs de cozinha de refinados restaurantes que vão buscar o peixe fresco e as donas de butiques que, segundo folclore local, lá adquirem as roupas que depois revendem como de grife em suas lojas.

Localizada próxima à Administração do Guará, a feira diferencia-se das demais por oferecer uma série de vantagens que foram sendo agregadas ao longo dos anos, como estação de metrô, banheiros, brigadistas, fraldário, sistema interno de comunicação e câmeras de TV que ajudam na segurança dos clientes e comerciantes.

Na gastronomia, predominam as tradicionais comidas nordestinas,



como sarapatel, buchada, caldo de mocotó e galinha capirra. Pratos que dividem o espaço com a mais brasileira das duplas: o caldo de cana e o pastel.

Para completar a festa, a Feira

do Guará mantém um palco fixo onde são realizados shows musicais, apresentações de teatro e shows de humorismo para as pessoas que vão lá não apenas para comprar ou comer, mas também pelo prazer do passeio.





# Gilberto Salomão

POR BETH ALMEIDA



Marcelo Oliveira

muitos agitos e badalações. O ponto de paquera podia começar no Square, que também funcionava no local. Tinha também a música ao vivo do restaurante Gaff e, bem ao lado, o Barril 2000, ponto de encontro de amantes do samba e do choro.

Foi no Gilberto Salomão que a banda Aborto Elétrico, da qual se originou a Legião Urbana, fez seu primeiro show, no verão de 1980, no bar Só Cana. Era aquela coisa: o dono do bar era amigo de um amigo de Renato Russo, que naquela época nem cantava. O bar só tinha uma tomada e no espaço mal cabiam os instrumentos. Mas nada impediu que o show rolasse. O Só Cana fechou as portas ainda em 1980, mas entrou para a história da cidade e hoje a lembrança fica por conta da praça do centro comercial, que leva o nome de Renato Russo.

A partir do ano 2000, o Gilberto Salomão perdeu boa parte de seu público jovem para o Pier 21, mas dos bares e restaurantes que surgiram em seu apogeu pelo menos um ainda resiste: o Bier Fass, um local agradável para saborear uma gelada e a cozinha de origem alemã.

Hoje, o local funciona muito como um centro de serviços, com 100 lojas, entre elas agências bancárias e um supermercado 24 horas, mas não perdeu sua vocação para o lazer dos brasilienses. Lá começaram as feiras alternativas da cidade, como o BSB Mix, que acontece em um fim de semana por mês, a Feira da Lula e as Antiguidades. E como quem já foi rei não perde a majestade, abriu as portas há pouco tempo o Hype Lounge, casa com programação variada ao longo da semana, da música sertaneja das quartas-feiras ao funk das terças. Em períodos de férias, a casa chega a reunir 650 pessoas.

Ponte das Garças, em 1978.

Ao longo dos anos 70 e 80, o Centro Comercial Gilberto Salomão foi o point da juventude bem nascida de Brasília, com seus *enfants terribles*. Afinal de contas, lá surgiram as primeiras baladas da cidade, com as pioneiras Kako e Shalako, boates preferidas da meninada da época. Mais recentemente, entre 1986 e 2001, a Zoom garantiu 15 anos de

Os moradores antigos do Lago Sul contam que, em 1967, quando inaugurou o primeiro centro comercial do bairro, Gilberto Salomão chegou a oferecer de graça algumas das lojas projetadas. "Aqui era no meio do nada", como definiu certa vez um dos pioneiros do bairro, Orlando Taurisano. Mas o negócio prosperou a partir da inauguração do Cine Espacial, em 1970, e da

# Lago Paranoá

POR BETH ALMEIDA

A proposta de repasseamento do Rio Paranoá para a formação de um lago já estava no relatório da segunda Missão Cruls, de 1894/95. A ideia era garantir a geração de eletricidade para o funcionamento da capital nos primeiros anos. É claro que também pensavam em lazer e entretenimento para a cidade que certamente atrairia literários saudosos de uma boa praia. No concurso para a escolha do projeto do Plano Piloto, ele constava nas plantas distribuídas aos concorrentes, juntamente com o Palácio da Alvorada, o hotel de turismo (o Brasilia Palace Hotel) e o aeroporto.

O espelho d'água começou a se formar em setembro de 1959, com o fechamento das comportas. Ex-chefe do gabinete de Israel Pinheiro, o carioca Ney Ururahy acompanhou o avanço das águas de sua janela, na QL 8 do Lago Sul, primeira residência do bairro. "Eu achava bonito ver o Lago Paranoá nascendo", lembra Ururahy, que é paisagista.

A energia gerada pela barragem do Paranoá hoje é responsável por apenas 2% do consumo do Distrito Federal, mas continua sendo fonte de muita diversão para brasilienses de todos

os estilos de vida. São 48 quilômetros quadrados de extensão, com praias artificiais como a Prainha e o Piscinão do Lago Norte. No começo, as práticas esportivas se restringiam aos barcos a vela (só mais de 11 mil embarcações esportivas e de passeio registradas, a maioria maior do que o país), mas hoje, com a despoluição das águas, temos mergulho e, para quem acredita ser impossível a prática do surf no DF, temos até o wakesurf, em que ondas de um metro, são criadas com o auxílio de uma lanchar carregada com uma tonelada e meia de água e chumbo. Em agosto do ano passado foi realizado até um campeonato da modalidade, em frente ao Pontão do Lago Sul.

A despoluição das águas também fez a alegria dos pescadores. A atividade passou a ser permitida e até incentivada a partir de 2000. Desde então, podem ser retirados de águas tilápias, tucunarés, carpas, lambaris e traíras. O lago abriga uma fauna bem diversa, com muitas aves (biguãs, garças, águas-pescadoras, matracas e marrecas) e pequenos mamíferos, como lontras, capivaras, cuicás-d'água, micos-estrela, gambás-de-orelha-branca e ratos-do-

campo. Há quem afirme já ter visto jacarés de até 4 metros nas margens do lago, mas o fato é que a espécie nativa é o jacarétingui, que chega ao tamanho máximo de 2,5 metros e não costuma atacar humanos.

A proteção divina fica por conta do santo da cidade, São João Bosco, o padre italiano que no Século XIX teve o sonho premonitório de uma cidade de riquezas e prosperidade, situadas nas proximidades de um lago, entre os paralelos 15 e 20 do Hemisfério Sul. Hoje, a ermida construída em sua homenagem contempla as águas do Lago Paranoá e a cidade, a partir do Altiplano Leste, como é chamado o trecho final do Lago Sul. O toque sincrético surgiu no Réveillon de 1992/93, quando Pai Paiva, então presidente da Federação dos Cultos Afro-Brasileiros do DF, inaugurou a estátua de Iemanjá na Prainha. Desde então, é para lá que vão muitos brasilienses que querem começar o ano sob a proteção dos orixás.

A belezinha natural e o lago foi adotado por brasilienses aqui nascidos ou que para cá vieram. É o nosso lago e, para os que às margens dele aproveitam a vida, ele não tem nada de artificial.





Foto: Rodrigo Oliveira

# Parque da Cidade

POR HEITOR MENEZES

Viva o Parque da Cidade! Nenhum outro centro de lazer ao ar livre no Distrito Federal chega aos pés do antigo Rogério Pithon Farias, atual Parque da Cidade de Brasília Sarah Kubitschek. Sorte nossa: ele é fruto das mentes de Burtle Marx, Lucio Costa e Oscar Niemeyer, mestres do paisagismo, urbanismo e arquitetura. Com um trio desse reunido, só podia sair coisa genial.

Diem que é o maior parque urbano do mundo. Falam de área de mais de 4 milhões de metros quadrados, quase o tamanho inteiro da Asa Sul. Em termos comparativos, é coisa maior que o Central Park ou o Ibirapuera. Tem pistas de caminhada, ciclismo e patinação, quadras esportivas polivalentes, churrasqueiras, chuveiros, centro hípico, lagos artificiais, parque de diversões, parques infantis, amplos estacionamento – enfim, é um recanto democrático e acessível, um oásis de contemplação em meio ao concreto e ao cas calinado.

Interessante é o perfil de seus frequentadores. Antes de o sol raiar, vaguetam, correm e trotam velhos, malucos e iogues, não necessariamente

nessa ordem. Gente “normal”, só depois que o sol aparece. Hora de piko e de maior frequência é quando o astro está lá em cima: aí desfilam bombados, bombadas, sarados, saradas e os tais “normais”. Entre meio dia e três da tarde, hora imprópria para a exposição ao sol, lá estão eles, os que acreditam que está tudo bem.

O Parque da Cidade tem obras de arte para admirar a qualquer hora, a começar pelo estonteante projeto paisagístico, de Burtle Marx. Fosse inventariadas, as árvores e plantas encheriam catálogos de botânica do cerrado. Os banheiros têm fachadas de azulejos de Athos Bulcão. Tem o Relógio Solar, o Jardineiro e poderia ter muito mais não fosse a dificuldade do poder público em oferecer coisas bacanas para a população.

Quando da inauguração, em 11 de outubro de 1978, o presidente Geisel, segurando para ir embora, teria dito: “O parque foi feito para o povo. Que sirva a sua finalidade”. Pelo menos essas palavras foram sábias. Porque o parque é um negócio

muito bem bolado para a população de Brasília. Em que outro lugar o pedestre e o ciclista divertem harmonicamente o espaço? Que outro lugar tem um espaço chamado Ana Lidia e aquele foguetinho dos sonhos? Onde pantas e gansos são tio simpáticos? Quantas cidades não dariam qualquer coisa para ter aquele espaço e aquela paisagem que está tudo bem.

Voltando ao início da conversa. Águas Claras tem parque; Taguatinga tem parque; a Asa Norte tem parque; sei lá onde mais tem parque. Nenhum deles chega aos pés do Pithon.



AS ÁREAS DE LAZER

# Parque Olhos d'Água

POR ANA CRISTINA VILELA



o asfalto. De seu apartamento é possível acompanhar o nascer do sol por detrás do verde ou admirar à distância as flores dos ipês que colorem a paisagem em algumas épocas do ano.

E o caminhante se despede da amiga, continua o passeio e vê de tudo um pouco: pessoas correndo, andando, no circuito de exercícios, praticando yoga, fazendo tai chi chuan, lendo, meditando, dormindo, namorando, conversando, com os olhos perdidos na superfície da Lagoa dos Sapos, brincando com os filhinhos... No caramanchão da entrada, onde se pode assistir a shows de música, apresentações teatrais e de dança e recitais de poesia nos finais de semana, faz uma parada para ver a última exposição fotográfica.

Ele é um apaixonado pelo parque, com seus 21,54 hectares, um minidistrito do cerrado preservado desde 1993, quando foi inaugurado, em 17 de setembro. Um presente para Brasília, para a natureza e para todos aqueles que acreditam valer mais a pena um parque limpo e bem cuidado do que mais quadras habitacionais, mais carros, mais poluição e burburinho. Que, em seus próximos 40 anos de vida, Brasília ganhe mais refúgios como o Parque Olhos d'Água, um espaço repleto de vida. Um espaço que pulsa.

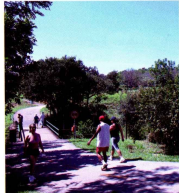


Foto: Rodrigo Oliveira

Às sete e meia da manhã, a família de quatis ainda está tranqüila às margens da trilha principal do Parque Olhos d'Água, no final da Asa Norte. Poucas pessoas passam por lá, porque a maioria dos visitantes tende a caminhar, correr, se exercitar na pista que circunda a reserva. Enquanto isso, os quatis permanecem quietos, atentos aos movimentos do visitante que prefere passear lentamente e ver o orvalho da manhã nas folhas das árvores, no capim-gorduro, nas pequenas flores do cerrado.

Para esse tipo de visitante, o que importa é curtir a paisagem, os perfumes do mato pela manhã, a sensação de estar longe da cidade (mesmo que perto de seu coração). Ele precisa, é verdade, segurar o ímpeto de colher os araticuns que acendem sua memória de roça. Em certas ocasiões, são os cajuzinhos do cerrado; em outras, os muricis. Em outras mais, o visitante perde-se de si mesmo, embevecido com a beleza dos ipês amarelos, roxos, brancos.

Algumas vezes, leva a tiracolo a máquina fotográfica. Clica fotos

e galinhas d'angola deixadas ali por antigos moradores do parque, de uma época em que muitos ainda queriam construir sobre a área. Outras vezes, fotografa tartarugas naturais da região, uma árvore de pássaros-pretos, abelhas e borboletas ao redor da nascente, que ganhou jardinagem e ponte de madeira ao estilo japonês.

Difícil captar a imagem da folha amarela descendo devagar pelo leito que surge a partir do olho d'água que dá nome ao parque. Mas impossível mesmo é capturar o burburinho da água correndo, o som da tranqüilidade. Dali, segue para as trilhas de terra que recortam o cerrado, caminha um pouco pelo asfalto, encontra conhecidos das quadras próximas, algemas das mil pessoas que vão à reserva diariamente, número que, segundo a funcionária Simone Rocha Santos, chega a duplicar nos finais de semana.

Simone conta que, além dos quatis, andam por ali capivaras e até ariranhas, por causa do corredor ecológico subterrâneo que passa sob a L2 Norte. Moradora da quadra 213, a mestre em Literatura Ana Cristina Mello é fã do parque, onde já se deparou com uma cobra que, tranqüilamente, atravessava





# Água Mineral

POR VICENTE SÁ

Reza uma lenda candanga que, ao comentarem com Lucio Costa que para Brasília ser perfeita só faltava o mar, ele teria respondido: "Mas o mar de Brasília é o céu". Essa frase já virou letra de música, cartaz, adesivo e *outdoor*, mas está longe de representar o sentimento de boa parte dos brasilienses, para quem a verdadeira praia de Brasília é a Água Mineral.

Ao completar 49 anos, a Água Mineral é uma das áreas de lazer mais frequentadas da cidade. Se não chega a ser o Posto 9 de Ipanema, também reúne seus intelectuais, artistas e personalidades. E se não é o piscinão de Ramos, também atrai levas de farefetes e numerosas famílias. É, sem dúvida, um dos espaços mais agradáveis e saudáveis da cidade.

Criado inicialmente para ser um viveiro de plantas, o Parque Nacional de Brasília se divide em duas partes: uma aberta à visitação e uso público, com duas piscinas, trilhas e o centro de visitantes, mais conhecida como Água Mineral, e outra bem maior, com

30.000 hectares destinados à conservação da fauna, da flora e das bacias hidrográficas dos rios Torto e Bananal, que alimentam a Barragem de Santa Maria. Por lá ainda andam o lobo-guará, o veado campeiro, o tatu-canastra e o tamandú bandeira, animais ameaçados de extinção.

A "praia de Brasília" exibe algumas diferenças em relação a outras do Brasil. Para começar, é preciso pagar para entrar. Lá não se vende nem é permitido entrar com bebidas alcoólicas. Bicicletas, bolas e jogos são proibidos. Mas nada disso atrapalha. Na verdade, até ajuda no convívio com a natureza, na observação de dezenas de animais vivendo em liberdade, nas caminhadas e nos banhos. Tudo tão limpo e puro que não há quem diga que não vale a pena.

Dois trilhas são o xodó dos frequentadores: a da Capiwara, com 1.300 metros, uma estradinha que parece conduzir a um conto de fadas, e outra bem mais longa, de mata mais aberta, com 5 mil metros de extensão. Quem se encontra pelas trilhas nas

manhãs de Brasília tem a civilizada mania de desejar bom dia. Consume que, aliás, não se restringe às trilhas, mas a todo o parque, pelo menos nas primeiras horas da manhã, quando a frequência é menor.

Essa é outra característica da nossa praia, digo, da Água Mineral: duas turmas distintas a frequentam em horários diferentes. Das seis da manhã às nove, uma turma de adetas, pessoas de mais idade, músicos, jornalistas e viciados em acordar cedo se encontram praticamente todos os dias em caminhadas, travessias de piscina, banhos de cachoeirinha (é, existe uma pequenina queda d'água no final da piscina de água corrente) ou mesmo no lanche comunitário que acontece na última sexta-feira do mês. Já depois das nove começam a chegar os visitantes menos assíduos, que vão um dia ou outro mas demonstram a mesma reverência diante do espetáculo proporcionado pela mãe natureza, que com uma pequena ajuda humana moldou as duas piscinas de água corrente.

AS ÁREAS DE LAZER

# Eixão do Lazer

POR HEITOR MENEZES

“É assim que, sendo monumental, é também confortável, eficiente, acolhedora e íntima. É ao mesmo tempo derramada e concisa, bucólica e urbana, lírica e funcional. O tráfego de automóveis se processa sem cruzamentos, e se restitui o chão, na justa medida, ao pedestre”.

Lucio Costa, Relatório do Plano Piloto de Brasília (1957)

O eixo do privilégio, o chão para o pedestre. O Eixo Rodoviário que atravessa o Plano Piloto, sentido norte-sul, aos domingos e feriados é fechado ao tráfego de veículos automotores, das seis da manhã às seis da tarde. E quando a cidade se transforma e surge o Eixão do Lazer: 14,4 km de asfalto, verde, céu, vento, paisagem e poesia para o usufruto coletivo. Um privilégio urbanístico. As pistas, livres da loucura do automóvel e da velocidade desmedida, viram *slow road*, espaços sob medida para a prática esportiva e de lazer de mente sã em corpo sã.

Mais além, o Eixão do Lazer permite outro privilégio, o da vista especial do Plano Piloto de Lúcio Costa. Mesmo que não tenha previsto tal uso quando da gênese da cidade descrita no Relatório do Plano Piloto

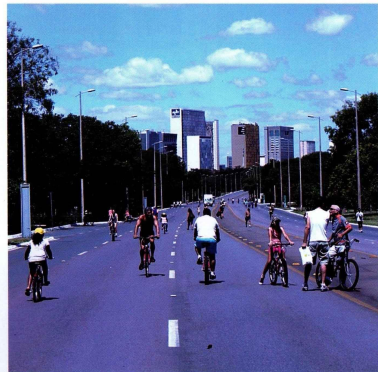
de Brasília, o arquiteto e urbanista certamente daria o aval para a idéia de franquear a rua aos pedestres, para que estes, sob a benção da Nossa Senhora do Cerrado, ao menos durante 12 horas ao longo de uma semana inteira possam encontrar ambiente de diversão, urbanidade e paz.

Caminheemos pelo Eixão, vindos do sul ou do norte. Esqueçamos as coisas desagradáveis dos dias óteis, como os engarrafamentos, acidentes e mortes, frutos da contenda entre máquinas e pessoas. O Eixão é pura cinematográfica. Passar por lá, além da comodidade do ir e vir, é ter aquela sensação de espaço, de deslocamento livre, de estrada infinita, de paisagem ordenada. Tudo o que faz diferença

para a saúde da cidade e da população.

O Eixão permite que se admire em pormenores os "achados" e soluções do Plano Piloto: a extensão das superquadras; os eixinhos paralelos; as unidades de vitinhança; os prédios apoiados em pilares; o arvoredo de incontáveis flamboiões, ipês, paineiras e paus-ferros; as tesourinhas que eliminam os cruzamentos; o Cine Brasília, resistindo como pode; o monolítico Banco Central; a passagem desimpedida sob a rodoviária; e de cada lado, sempre o horizonte, enfim.

É só asfalto e é também o sonho materializado de Lúcio Costa. São asas do avião? Asas da borboleta? Os braços arqueados do Cristo na cruz? Tudo isso e muito mais. Privilégio único em todo o Distrito Federal.



# Polo Gastronômico Brasil 21. O bom gosto guia você para cá.



Bem no coração da cidade, um lugar único com requinte, comodidade e segurança. O ambiente ideal para seus eventos, encontros ou reuniões. Um complexo gastronômico grandioso como Brasília merece.

Churchill



Lucca



Miró



Norton



Le Rouge



Dalí

Central de Atendimento  
61 3031 21 21

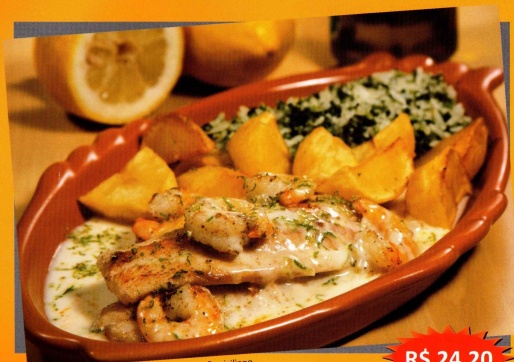
[www.brasil21gastronomia.com.br](http://www.brasil21gastronomia.com.br)



**BRASIL 21**  
GASTRONOMIA

SHS Qd. 06 - Complexo Brasil 21 - Brasília - DF

# Brasil Sabor Brasília é no Peixe na Rede



Filé de tilápia com camarão ao molho de limão siciliano

R\$ 24,20



405 Sul - Bloco A - Loja 34 - 3242.1938  
309 Norte - Bloco B - Loja 36 - 3340.6937  
[www.peixenarede.com.br](http://www.peixenarede.com.br)



CRESCER É OLHAR PARA TRÁS E TER  
ORGULHO DO QUE SE CONSTRUIU.

CRESCER É DAR VALOR A  
UMA IDEIA PLANEJADA.

CRESCER É APOSTAR  
EM INOVAÇÃO.

BRASÍLIA 50 ANOS. UMA HOMENAGEM DO SEBRAE À CIDADE QUE SEMPRE  
ACREDITOU NAS IDEIAS DAS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS.

É com muito orgulho que o Sebrae comemora os 50 anos de Brasília. Afinal, são anos que  
representam a história de uma cidade que sempre apoiou o desenvolvimento das milhares  
de Micro e Pequenas Empresas. Continuamos apostando no potencial do empreendedorismo  
brasiliense e acreditamos que esse é só o começo de muito crescimento.

0800 570 0800 [www.df.sebrae.com.br](http://www.df.sebrae.com.br)



50 ANOS CRESCENDO COM A  
FORÇA DA MICROEMPRESA  
21 DE ABRIL DE 2010